



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**JAQUELINE TOMALOK BUSS**

**CRIMINOLOGIA E MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NO SÉCULO  
XIX NOS CONTOS POLICIAIS DE EDGAR ALLAN POE**

**CHAPECÓ  
2018**

**JAQUELINE TOMALOK BUSS**

**CRIMINOLOGIA E MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NO SÉCULO  
XIX NOS CONTOS POLICIAIS DE EDGAR ALLAN POE**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de  
grau de Licenciada em História da Universidade  
Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Délcio Marquetti

**CHAPECÓ  
2018**

## **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Buss, Jaqueline Tomalok  
CRIMINOLOGIA E MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NO  
SÉCULO XIX NOS CONTOS POLICIAIS DE EDGAR ALLAN POE /  
Jaqueline Tomalok Buss. -- 2018.  
52 f.

Orientador: Doutor Délcio Marquetti.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
História-Licenciatura, Chapecó, SC , 2018.

1. Edgar Allan Poe. 2. Século XIX. 3. Ciência . 4.  
Crime. 5. Escola Criminal Positivista . I. Marquetti,  
Délcio, orient. II. Universidade Federal da Fronteira  
Sul. III. Título.

JAQUELINE TOMALOK BUSS

CRIMINOLOGIA E MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA NO SÉCULO XIX  
NOS CONTOS POLICIAIS DE EDGAR ALLAN POE

Trabalho de conclusão do curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção do grau  
de licenciada em História da Universidade Federal  
da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

14/12/2018

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Délcio Marquetti (UFFS)  
Orientador

---

Prof. Dr. Santo Gabriel Vaccaro (UFFS)

---

Prof. Me. Murillo Dias Winter (UFFS)

Dedico este trabalho à todas as histórias fantásticas e aos mundos fictícios que me fizeram companhia no solitário silêncio de uma mente barulhenta. Não existem madrugadas de frio insuportável ou dias monótonos em demasia se pudermos contar com uma xícara de café amargo e uma aconchegante narrativa.

## AGRADECIMENTOS

Se aprendi algo em meus gloriosos passeios pelas inúmeras aventuras ficcionais que embalsamaram meus dias de juventude é que nenhuma criatura embarca em uma grande jornada sozinha. Frodo contou com a Sociedade do Anel; Luke com Leia, Han, Chewie, Yoda, e seu fiel companheiro para todas as horas R2-D2; Marty com diferentes versões de Doc Brown; os Caça-Fantasmas eram quatro; os Vingadores originais do cinema mais de cinco.

Para entregar ao julgo do leitor esse texto, precisei de poderosos auxílios. Primeiramente de meus pais, com seu apoio incondicional em todos os tropeços do caminho. Pai, desculpe por não concluir Enfermagem mesmo após a faixa em homenagem a minha aprovação em 2011, mas o que vale é a intenção, adorei o gesto. Mãe, obrigada, de verdade, por todas as receitas de Facebook realizadas com sucesso e por me esperar sempre com o café quentinho. Amo vocês. Preciso agradecer também ao membro da família que me esperou na porta de casa para oferecer uma lambida no rosto e um aconchego no sofá; Frida, o melhor cãozinho da Galáxia.

Em seguida pontuo meu adorado Mestre, que sempre elogiou meus textos e abraçou minhas obsessões com quadrinhos e mundos fantasiosos. Délcio, meu orientador, esse trabalho só existe por causa de você e de suas disciplinas. Agradeço profundamente as horas de conversa, os planejamentos de viagens supimpas e sua paixão em lecionar. Você me inspira. Menciono também os docentes do curso de História que durante esse período me ensinaram valores importantes não só para uma sala de aula, mas para a vida.

Falemos agora sobre aqueles que me mantiveram firme no caminho, durante a graduação e durante a escrita desse trabalho, mesmo em *Tempos Difíceis...* e a partir da referência à obra de Charles Dickens, começo por você, Padawan. Obrigada pelas incontáveis horas de parceria, debates e principalmente aventuras. Sua amizade é a legítima personificação de um R2 em minha vida, e esse é o melhor elogio que consigo elaborar para você. Mateus, obrigada por tudo. Igualmente agradeço as âncoras do meu barquinho desgovernado, os potinhos de alegria e amor que sempre foram meus portos seguros... Iasmim, Jasmini, Roberta e Thanise Maccaron. Como diria Garfield “me amem, me alimentem e nunca me deixem”. Agradeço também à todos os meus amigos que tornaram esses anos mais leves e alegres, seja compartilhando uma pizza no final de semana, testando receitas, torcendo pelo Hexa que não veio ou assistindo um filme bem mais ou menos no cinema em uma tarde de domingo.

Vocês fazem não só esse trabalho, mas a vida valer a pena.

Quem não se viu centenas de vezes, a cometer ações vis ou estúpidas, pela única razão de que sabia que não devia cometê-las? Acaso não sentimos uma inclinação constante, mesmo quando estamos no melhor do nosso juízo, para violar aquilo que é lei, simplesmente porque a compreendemos com tal?

***O gato preto* – Edgar Allan Poe**

## RESUMO

A presente pesquisa pretende analisar os três contos policiais publicados por Edgar Allan Poe, sendo eles *Os assassinatos na Rua Morgue* (1841), *O mistério de Marie Rogêt* (1842) e *A carta roubada* (1845) objetivando perceber o advento do método científico e racionalista enquanto recurso de investigação de contravenções, além de averiguar, como um bom detetive o faria, as concepções criminais europeias vigentes no século XIX. Pretende-se compreender ainda, com o auxílio do debate referente à utilização de literatura como fonte histórica, o surgimento do romance policial e as contribuições de Poe para o gênero. Para traçar o panorama criminal almejado no estudo, toma-se como base principalmente a Escola Criminal Positivista que a partir das obras publicadas por Enrico Ferri, Cesare Lombroso e Raffaele Garofalo buscam nos fatores biológicos, psíquicos e sociais dos indivíduos perpetradores dos delitos os elementos que desencadeiam esse comportamento, demonstrando que o século XIX forneceu um prato cheio ao trato com a chamada perversidade, inspirando autores como Poe e seus posteriores na concepção de figuras literárias que personificariam os ideias de combate ao crime.

**Palavras-chave:** Edgar Allan Poe. Escola Criminal Positivista. Ciência. Crime. Século XIX.



## ABSTRACT

The following research aims to analyze *The murders in the Rue Morgue* (1841), *The mystery of Marie Rogêt* (1842) and *The purloined letter* (1845), tales published by Edgar Allan Poe in the Nineteenth Century, in order to apprehend the rationalized and scientific method as a resourceful way of solving crimes. It is also intended to investigate the European criminal ideas for this period, which shaped the creation of detective fiction itself, by Poe, and made it possible to use literature as a valid source for historical issues. Concerning the criminal panorama sought for the study, the Positivist Criminal School emerges on the works published mainly by Enrico Ferri, Cesare Lombroso and Raffaele Garofalo, the ones who seek in biological, psychic and social factors the elements which unleash criminal behavior. In conclusion, they were able to demonstrate that the Nineteenth Century provided oodles of content about dealing with the so-called perversity, inspiring authors like Poe and the ones after him in the creation of literary figures who would embody the ideas of fighting crime.

**Keywords:** Edgar Allan Poe. Positivist Criminal School. Science. Crime. 19<sup>th</sup> Century.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 A REALIDADE NOS EMBALOS DA FICÇÃO.....	15
2.1 HISTÓRIA E LITERATURA.....	15
2.2 EDGAR ALLAN POE: REFLEXO DE SEU TEMPO.....	18
2.3 ROMANCE POLICIAL.....	23
3 ALGO ESPREITA A ESCURIDÃO NA CAPITAL FRANCESA.....	29
3.1 A CIÊNCIA BATE A PORTA NA RUA MORGUE.....	32
3.2 A BRUTALIDADE SUSSURRADA PELAS PÁGINAS DOS JORNAIS.....	38
3.3 O CRIME TEM NOME, SOBRENOME E CARGO POLÍTICO.....	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50

## 1 INTRODUÇÃO

Há algo de inegavelmente magnético nas histórias assumidamente ficcionais e desde os primórdios de minhas aventuras pelas páginas repletas de letras monocromáticas em fonte padrão, ou nas coloridas fações dos quadrinhos, vi certo sentido nas ideias apresentadas. Parecia inconcebível para a pré-adolescente dos anos 2000 que nada do retratado fosse palpável no mundo que em termos simples julga-se real. Tal devaneio me levou a olhar para Sherlock Holmes, o personagem ficcional mais lembrado das histórias policiais, com os olhos da curiosidade investigativa do qual ele mesmo é possuidor. Nascia assim, o interesse pelas fações da história criminal.

Como diria o criador de Sherlock Holmes, “se quisermos encontrar efeitos estranhos e combinações extraordinárias, devemos procurar na própria vida, que vai sempre muito mais longe do que qualquer esforço da imaginação” (DOYLE, 2011, p. 42). Muitos historiadores pareceram levar essa citação a sério. Carlo Ginzburg, por exemplo, em *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1989), teoriza sobre os caminhos de se encontrar a verdade historiográfica, ou o conhecimento em si, da mesma maneira que um detetive desvendaria um crime. Observando detalhes como a curvatura de uma orelha, e catalogando esse traço em diferentes artistas, o personagem Morelli, crítico de arte em seu texto, identifica a autenticidade de uma pintura.

Ora... ao observarmos a *Monalisa* de Da Vinci e perdermos longos minutos nos emaranhados de enigmas do seu sorriso, não seria complicado desvendar o porquê de falsificadores ignorarem pormenores aparentemente insignificantes como a arqueadura do lóbulo auricular humano, sendo esse o caminho para que se identifique a autenticidade de uma pintura. Dessa forma, compreende-se a razão de encontrar, nos escritos de Ginzburg, o fascínio pelo método de investigação empregado por Morelli ou mesmo por Holmes, ambos pautados em indícios negligenciados pelos meros mortais de encantos fáceis pelo óbvio, como a simpatia de uma moça graciosamente posicionada em um quadro.

Ainda sobre Holmes, através dos diários produzidos pelo Dr. Watson, seu companheiro de aventuras, a narrativa dos contos escritos por Arthur Conan Doyle<sup>1</sup> versa sobre as palpitações das teorias criminais de fins do século XIX e início do XX, refletidas no empirismo e nas emergentes ciências, pela lente literária do autor. Porém, ao penetrar nas entranhas dos contos escritos por Doyle, e seu contexto de criação, Edgar Allan Poe apareceu em cena reivindicando

---

<sup>1</sup> Segundo a apresentação de *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle, publicado pela Editora Zahar (2013), o autor (1859 – 1930) publicou o primeiro romance com o personagem Sherlock Holmes em 1887.

a gênese dos métodos popularizados pelo autor britânico citado anteriormente. Elementar dizer, caro leitor, que Auguste Dupin, personagem de Poe, perambulava pelas ruas de Paris investigando contravenções meio século antes, por mais que o senso comum não o considere o primeiro detetive da ficção.

Dessa forma, os três contos policiais de Edgar Allan Poe escritos no século XIX tornaram-se as fontes da presente pesquisa. O primeiro deles, “Os assassinatos na Rua Morgue”<sup>2</sup> (1841), versa sobre o brutal assassinato e mutilação de duas vítimas na Rua Morgue, em Paris, na qual a ineficiência policial contrasta com a inauguração dos métodos de investigação baseados em análise empírica e dedução por parte de Dupin. Em “O mistério de Marie Rogêt” (1842), baseado em um crime real, uma moça parisiense desaparece e após alguns dias é encontrada sem vida no leito de um rio. Para o desenrolar do caso, o narrador opta por longas páginas de descrição dos métodos de Dupin e traça os caminhos que o levam para a dedução dos fatos. Por fim, em “A carta roubada” (1845), Dupin investiga o roubo de uma carta da corte francesa dedicando-se a um crime de diferente natureza através do contraste com a lógica policial de vasculhar em minúcias a residência do suspeito.

O primeiro passo para transformar o interesse em investigação histórica consiste na aproximação com a bibliografia dos estudos já realizados referentes às obras que serão analisadas. Primeiramente cita-se Pollyanna Souza Menegheti (2014) e sua dissertação sobre o percurso do gênero policial através de Arthur Conan Doyle e Agatha Christie, creditando os contos de Poe como influências para ambos, aproximando-se da historiografia, por mais que se refira a um estudo literário, ao afirmar que todas as modificações ocorridas na estrutura da narrativa policial podem ser entendidas como um reflexo das próprias mudanças sociais e culturais que ocorriam neste importante período de transição histórica.

Fabiana de Lacerda Vilaço (2012) utiliza o conto de 1841, também em viés da área de Letras, para versar sobre as relações do contexto social-histórico com a produção do conto, porém a partir da terra natal do autor, os Estados Unidos da América. Para a presente pesquisa, opta-se pelo recorte espacial europeu, especificamente a cidade de Paris, e por vezes estendendo-se pelo território europeu, por ser o cenário das histórias de Poe, percebendo as palpitações das teorias criminais do período, principalmente a Escola Positivista, fortemente marcada pelo advento do empirismo e da lógica racional nas concepções científicas em voga.

---

<sup>2</sup> Se faz interessante pontuar que as traduções do original *The Murders in the Rue Morgue* variam entre *Os assassinatos na Rua Morgue* e *Os assassinatos da Rua Morgue*. Para o presente trabalho será utilizada a primeira opção.

Em uma breve apresentação, o grande nome da Criminologia do século XIX, e da Escola Criminal Positivista, é Cesare Lombroso. O autor italiano publica em 1876 sua obra *O homem delinquente*, na qual apresenta a tese do contraventor nato identificado por intermédio de sua aparência física. Considerado co-fundador do viés criminológico do século XIX, Enrico Ferri reforça a identificação biológica do delinquente e lhe acrescenta características sociológicas, em sua obra *Sociologia Criminal* lançada em 1914. Completando o panteão a ser explorado adiante, Raffaele Garofalo parte da ideia lombrosiana para argumentar que se existe um criminoso nato, existem delitos considerados como tal, comuns em qualquer lugar ou época (SHECAIRA, 2008).

No que concerne a historiografia propriamente dita, pode-se citar o trabalho de Marjani Ziani Heineck (2016) por explorar os percalços do crime na Inglaterra vitoriana através de Sherlock Holmes, personagem de Doyle. Assim como os nomes citados anteriormente, a autora coloca Poe como protagonista do gênero policial em seus primórdios mas não o estuda, intensificando a inquietação que move as engrenagens do trabalho proposto e apresentado nesta breve introdução.

Assim, com base no levantamento exposto anteriormente, a pesquisa proposta tem por objetivo, divergindo do encontrado, analisar o advento do método criminal positivista nas obras de Edgar Allan Poe e suas relações com as concepções criminais europeias do século XIX, mapeando concepções de crime e criminoso, partindo da hipótese de que o autor é vítima das palpitações do período atuando ainda como um divulgador das mesmas. Pretende-se ainda compreender o surgimento do romance policial e as contribuições de Edgar Allan Poe para o gênero, analisando o contexto histórico de produção do mesmo.

Em termos metodológicos, a pesquisa em questão pauta-se na análise dos três contos policiais de Edgar Allan Poe como estratégia para pensar o debate sobre as teorias criminais do século XIX e as influências de tais perspectivas para o gênero literário inaugurado por Poe, o romance policial, além da divulgação desses aspectos através da literatura no período. Assim, em conjunto com as fontes literárias, propõe-se uma pesquisa bibliográfica inserida no campo da História Cultural, dialogando ainda com as façanhas dos estudos literários que dissecam o gênero do romance policial e a trajetória do autor. A análise proposta buscará ainda suportes teórico-metodológicos nas obras de autores como Sandra Jatahy Pesavento, Roger Chartier, Peter Burke, Antônio Celso Ferreira e Lynn Hunt por versarem sobre as relações e tensões entre história e literatura e sua utilização como fonte histórica, contribuindo para a análise das mesmas.

Destaca-se, ainda em termos metodológicos, a afinidade da pesquisa que se utiliza de fontes literárias com outras ciências e áreas do conhecimento. Para construir a proposta em questão, percebe-se presença de trabalhos desenvolvidos por estudiosos de Letras e Sociologia, que para além de elucidarem abordagens cabíveis ao viés historiográfico buscado na literatura, contribuirão para se construa uma narrativa afável aos diversos paladares literários.

Exposta a proposta, o debate sobre os encontros e desavenças entre História e Literatura, bem como a gênese do romance policial a partir de Edgar Allan Poe e sua biografia, constituem o conteúdo do primeiro capítulo. Nele buscam-se entender as possibilidades de fontes históricas gestadas no século XX, a trajetória de Poe como reflexo de seu tempo e a construção de sua obra a partir de seu estilo de vida e influências e a concepção do romance policial enquanto gênero literário.

Para o segundo capítulo, busca-se construir a trajetória das teorias criminais europeias do século XIX através de autores como Cesare Lombroso, Enrico Ferri e Raffaele Garofalo, grandes nomes fundadores das escolas criminais do período. Destaca-se ainda a aproximação de Edgar Allan Poe com as palpitações científicas do século XIX e seus respingos na dedução de crimes, como a frenologia<sup>3</sup> e a criptografia<sup>4</sup>. A partir dessa construção, analisam-se os contos de Poe apresentados anteriormente almejando encontrar neles a gênese de tais ideais e seus reflexos na própria estruturação das convicções trazidas pelos teóricos, uma vez que são posteriores à ele.

Sem mais delongas, adentremos no abismo de mistérios incubados pela figura de Poe...

---

<sup>3</sup> De acordo com Silva (2009), disciplina criada no século XVIII com fins de estabelecer as características psicológicas de raças humanas com base na medida e tamanho do cérebro. Influenciou as teorias sobre raças superiores, presentes nos séculos XIX e XX, como também a Medicina e a Criminologia do período.

<sup>4</sup> Nos escritos de Silverman (1991) pode-se encontrar a informação de que Poe usou métodos elementares para resolver enigmas na década de 1840. Seu empenho na tarefa, e a divulgação de seu trabalho em jornais da Filadélfia, resultaram em alguns ensaios sobre a quebra de códigos que inclusive auxiliariam os britânicos a decifram as mensagens alemãs durante a I Guerra Mundial.

## 2 A REALIDADE NOS EMBALOS DA FICÇÃO

### 2.1 HISTÓRIA E LITERATURA

Uma das excentricidades de meu amigo (de que mais posso chamá-la?) era gostar da noite, apenas por gostar; e a essa *bizarrie*, como a todas as outras, eu também me rendi; entreguei-me aos caprichos estranhos de meu amigo como um perfeito abandono. A divindade negra não poderia estar conosco durante todo o tempo, mas podíamos fingir sua presença [...] até que o relógio nos avisava da chegada da verdadeira escuridão. (POE, 2018, p.71).

Ao descrever seu parceiro de aventuras nas primeiras páginas de “Os assassinatos na Rua Morgue” (1841), o redator anônimo, para o qual não se encontra a alcunha em toda a obra de Poe, utiliza-se de um tom de fascínio. Assim, cria a clara impressão de que almeja cativar o leitor do mesmo modo em que ele mesmo foi fígado por essa figura excepcional que dedica suas noites, naturais ou produzidas, aos casos misteriosos da capital francesa. Porém, antes de tornar-se refém de sua perspicácia, há de se entender o porquê de considerar o relato ficcional das aventuras de um detetive gestado no século XIX como fonte relevante para a composição de uma pesquisa historiográfica.

Dito isso, para algumas coisas do universo plausível, bem como do imaginário humano, a dissociação não é possível. A História, no entanto, há pelo menos dois séculos deixou de relacionar o passado exclusivamente ao documento oficial, como aqueles produzidos pelos governantes, ou à investigação de arquivos empoeirados. Objetos de estudo palpitam em todos os âmbitos sociais e digitalizações de arquivos tornam a perspectiva local da História de certa forma obsoleta. Assim, não seria equivocado dissertar sobre as possibilidades de se encontrar o suposto real, ou seus reflexos, em qualquer modalidade de fonte, incluindo-se nelas os textos ficcionais.

Se um excêntrico sujeito vasculha as noites parisienses em busca de casos interessantes que mereçam sua atenção dedutiva, vemos nessa obra<sup>5</sup> discussões sobre a emergência do pensamento científico, as noções de crime e criminoso do período, o estilo de vida dos reclusos abastados cidadãos com padrões elevados de vida ou mesmo um retrato da arquitetura urbana do período. Apropria-se e brinca-se com o passado, presente e futuro porque se tem anseios, expectativas e experiências.

Sobre a História Cultural, visto que a mesma abriga a pesquisa em viés historiográfico por utilizar-se também de obras literárias como fonte, afirma-se, segundo Sandra Jatahy

---

<sup>5</sup> Referência à *Os Assassinatos na Rua Morgue* (1841).

Pesavento (2008), que foi gestada no século XX a partir dos *Annales*<sup>6</sup> e nomeada de *Nova História* por Jacques Le Goff nos anos 1970. Rompendo com a concepção historiográfica que privilegiava documentos oficiais e escritos como detentores da verdade, e questionando o próprio conceito de verdade, tal corrente passa a abranger objetos como o cotidiano, o mito, o inconsciente e a literatura no repertório de fontes possíveis para o historiador, visto que os modelos de análise anteriores careciam em explicar a diversidade social e suas produções.

Para Peter Burke (1992), no entanto, o conceito de História Cultural define-se principalmente por aquilo que não é, pautando-se em uma ideia de história total que contrapõe a escrita nos moldes do “paradigma tradicional”, resumido nos preceitos de Leopold Von Ranke (1795 – 1886) e considerada por um longo tempo, desde o século XIX, como a maneira certa de se fazer História. Baseada nas tendências positivistas, tal pensamento buscava a obtenção de resultados claros e objetivos do estudo humano, além de corretos e sem margens para erros, obtidos a partir da neutralidade do pesquisador.

Porém, ainda para o autor, este modelo historiográfico contribui na observação das limitações das fontes narrativas e na necessidade de se analisar criticamente os documentos dos arquivos, não devendo ser totalmente descartada ou superada. Somando-se esse conceito ao paradigma dos *Annales*, que para Lynn Hunt (1992) é onde se busca o funcionamento de uma sociedade em seus aspectos temporais, sociais, espaciais, humanos e culturais, deixa-se pouca coisa de fora. A literatura, assim, carrega-se de significado historiográfico.

Para Roger Chartier (2001), no entanto, há um risco em se fazer uma leitura redutiva das obras literárias. Para o autor, os historiadores por vezes as liam como documentos meramente ilustrativos de resultados ou como aporte para corroborar o que fontes técnicas haviam mostrado, como por exemplo um documento oficial republicano do Brasil em seus primeiros passos enquanto nação. Seguindo-se por essa perspectiva, o romance cumpriria a grande função de gerar no leitor uma sensação de reconhecimento ou de um grande “é isso mesmo”.

Desse modo, não se pretende direcionar o olhar para as obras de Poe na busca do real acontecido, pois ainda de acordo com Pesavento (2008), a literatura se transforma em documento que se propõe a responder questões formuladas pelo historiador, entendidas, porém, não como determinação do passado ou percursos de um personagem real, até porque elas não seriam condizentes com tal tipo de fonte. O historiador procura, ao direcionar a análise para a

---

<sup>6</sup> Peter Burke, em seu estudo sobre a escola dos *Annales*, define essa corrente como a *Revolução Francesa da historiografia*. Tal “revolução”, no início do século XX, transformou a forma de se escrever História no Ocidente, sendo sua principal crítica voltada para a historiografia chamada positivista (SILVA, 2009, p. 190).



literatura, o modo que as pessoas pensavam o seu meio em determinada época, como inseriam a si mesmas em seu contexto, seus medos, preconceitos e aspirações. Em síntese, o historiador bebe do tempo de escrita como fonte, independentemente de onde ou como se constrói a narrativa literária.

Em termos de conceito, o que se entende por uma narrativa literária varia entre épocas e grupos sociais distintos, como versa Antônio Celso Ferreira (2015). Para Aristóteles, seria uma imitação do mundo; os românticos do século XIX lhe conferem a ideia de criação de algo não visto e utópico; o século XX a inunda de tomada de posição política e crítica à realidade. No entanto, ainda para o autor, ela sempre constituiu forma de expressão enraizada em condições temporais, culturais e de relações sociais, onde o escritor tem a autonomia de lapidar sonhos, utopias ou desejos, utilizando-a como ferramenta da exploração do existente ou da criação de algo novo. Assim, afirma-se que a obra literária sempre se destina para um público específico e cumpre papel de expressar algo sobre o contexto em que foi escrita.

Já Eagleton (1943), apresentado nas notas de rodapé do texto de Hunt (1992), citado acima, define literatura a partir do questionamento da distinção entre fato e ficção. Para o autor, o século XVII definiu como literatura tanto as obras de Shakespeare quanto as de Francis Bacon, ou mesmo a história da Guerra Civil Inglesa encomendada pelo governo ao autor Edward Hyde. Edward Gibbon<sup>7</sup> e Charles Darwin<sup>8</sup>, no entanto, não foram considerados para essa categoria. Assim, a partir do contexto apresentado, o autor chega à conclusão de que o melhor caminho para se definir literatura seria a partir do distinto uso da linguagem, expressa no ritmo, na ressonância e na textura das palavras.

Contrapondo a ideia anterior, muitos historiadores, nas palavras de Jeroen Dewulf (2004) são lembrados por seu talento literário muito mais do que por suas histórias propriamente ditas. Isso não os faz, no entanto, escritores de obras ficcionais ou menos relevantes para a História enquanto ciência, porém apenas bons escritores. Dessa forma, talvez a grande lição extraída de seu texto esteja em condenar a extrema separação de realidade e ficção a partir justamente da utilização de uma linguagem específica, visto que não há regra, seja ela escrita ou convencional, que produzir ciência requer necessariamente trair os deleites da fantasia e relegá-los ao esquecimento.

Concluindo a ideia, numa espécie de apaziguamento de definições, ainda para Ferreira (2015), fontes literárias constituem representações de um universo ficcional e devem ser encaradas como tal. Para que se atinja esse viés, o papel do historiador é confrontá-las com

---

<sup>7</sup> Historiador inglês (1737 – 1794). Autor de *A História do Declínio e Queda do Império Romano*.

<sup>8</sup> Naturalista inglês (1809-1882). Autor de *A Origem das Espécies*.

outras fontes e bibliografias que permitam problematizá-las, sem distinções de linguagem ou estilo narrativo, porém observando sua trajetória historiográfica e metodológica. Para a pesquisa em questão, a historiografia construída em torno da palpitação e aplicação das teorias criminais do século XIX entram em cena, explorando através delas o contexto de produção das obras e analisando nelas seus reflexos ou contraposições.

## 2.2 EDGAR ALLAN POE: REFLEXO DE SEU TEMPO

Ao depararem-se com o nome *Edgar Allan Poe* muitos leitores – quem lhes escreve inclusive – o associam com o macabro, o horror e o mistério. A partir da melancolia de seu trabalho, do reconhecimento de seus contos nos séculos que sucederam sua morte e das releituras e adaptações que se fazem de seu universo ficcional, o obscuro se estabelece como característica elementar e uma grande névoa espera à porta aqueles que se aventuram por seus escritos. Mas nem só do horror e dos finais desoladores vive a obra de Poe, e é esse outro viés que pode ser encontrado na trilogia de contos que dedicou ao detetive Auguste Dupin.

Por mais que tenha construído carreira nos alicerces citados acima, não se ignoram suas contribuições para o romance policial a partir da publicação dos contos que consistem as fontes para a presente pesquisa. Antes de explorar a gênese do gênero que posteriormente enquadraria grandes nomes do enigma, como Holmes e Poirot<sup>9</sup>, no entanto, dedicam-se alguns parágrafos ao autor, sua intrigante mente e seu peculiar percurso de vida, permitindo que se construa um panorama do advento de suas ideias e publicações e principalmente versem sobre as relações que suas obras estabelecem com a geografia e estrutura social de onde é recebida e aclamada.

De acordo com Kevin J. Hayes<sup>10</sup>, que em 2009 publica a obra *Edgar Allan Poe*, Poe nasceu em Boston, Massachusetts, em 19 de janeiro de 1809, filho de David e Elizabeth, membros do teatro itinerante. Percorrendo as veredas da literatura atuando como autor, poeta, editor e crítico literário, a peculiaridade de sua biografia começa, nas palavras de Hayes (2009), ao ser considerado o primeiro escritor americano a tentar fazer da escrita seu único meio de ganhos, o que lhe garantiu não só a total imersão de seu ser no mundo literário como uma jornada atribulada por problemas financeiros.

Somando-se aos relatos da miséria de Poe na sua vida adulta, Hayes (2009) acrescenta que após ficar órfão de mãe, e o pai abandonar a família, o autor é levado para a família Allan,

---

<sup>9</sup> Hercule Poirot. Detetive protagonista dos livros de Agatha Christie.

<sup>10</sup> O autor em questão publica uma série chamada *Critical Lives*, explorando aspectos culturais de figuras do período moderno. Cada livro versa sobre um artista, escritor, filósofo ou arquiteto e relaciona a trajetória do mesmo com as principais características de suas obras.

residente de Virgínia, onde Poe frequenta a Universidade por um semestre<sup>11</sup>. Após esse período, sua juventude passa a ser regada por bebidas e relacionamentos amorosos efêmeros com diferentes mulheres, até casar-se mas ser separado da mulher pela morte da mesma em decorrência de tuberculose em 1844, elementos estes que posteriormente causarão a possível fatalidade que ceifará sua vida, uma vez que os reais motivos de sua morte são debatidos até os dias de hoje, incluindo suicídio, assassinato, cólera, raiva ou sífilis.

Ao trazer essas informações na abertura de seu texto, Hayes (2009) constrói o plano de fundo para que se entenda o reflexo do melancólico nas obras de Poe. Segundo o autor, seu estilo de vida influencia diretamente na construção de seu texto mas principalmente seu nicho de mercado consumidor, uma vez que na América a concepção literária firma-se na transmissão de valores morais, não sendo bem visto um autor com tal histórico. Os europeus, por outro lado, viam algo de atraente em suas características peculiares, informação fundamental para a construção da imagem de Poe no continente.

Se faz interessante citar, no entanto, que tal moralidade não seria traída pelos hábitos de violência presente nas obras, uma vez que a mesma não era estranha aos americanos. George A. Kennedy, em seu livro *Um guia histórico para Edgar Allan Poe*<sup>12</sup> publicado em 2001, expõe que seja em nome de Deus, na defesa dos valores capitalistas ou na luta por territórios, os Estados Unidos da América refletem nos conflitos diretos, que aparecem inclusive nos tiroteios dos populares escritos de velho oeste, seus ideais de luta armada. Os europeus, por outro lado, propõe uma configuração diferente expressa no *Common Law*<sup>13</sup>, que parece ser do gosto de Poe, visto que ele nega-se a expressar um extremo patriotismo característico das produções norte-americanas.

Ainda sobre suas relações com a Europa, Kennedy (2001) afirma que o escritor nasce em meio à guerra anglo-americana de 1812, entre Estados Unidos da América e Grã-Bretanha. John Allan, seu pai adotivo, após o conflito, decide mudar-se com a família para a Inglaterra objetivando aquecer as relações comerciais de tabaco das quais tirava seu sustento. Frequentando escolas europeias por um período de cinco anos, Poe se torna grande estudioso de latim e das obras de Shakespeare, além de incorporar a arquitetura das ruas inglesas em seus

---

<sup>11</sup>Entre os autores citados neste tópico, diverge a informação referente ao tempo que Poe permaneceu na Universidade ou mesmo os cursos que frequentou. No entanto, o mínimo de um semestre é consenso de todos, bem como sua tendência aos estudos literários ou linguísticos.

<sup>12</sup>Do original *A historical guide to Edgar Allan Poe*. Tradução própria.

<sup>13</sup>Conceito identificado geralmente como um sistema de leis baseado em costumes, não estando escrito. No entanto, para Baker (2005) a expressão designa, desde o século XIII, o direito inglês comum em oposição aos costumes locais de cada região. Em síntese, estipula que as decisões legais tomam por base sentenças judiciais previamente tomadas, representando a lei dos tribunais.

contos posteriores. Após o retorno da família à América em 1820, devido à decadência do mercado em relação ao comércio de tabaco, Poe dedicou-se ao estudo de grego, francês e literatura clássica.

Concluindo a ideia, um aspecto importante da obra de Poe é ainda sua negligência perante a história americana. Ao contrário da tendência percebida na época por Kennedy (2001), a narrativa do autor é o interesse no futuro, observada pelo fascínio de Poe nas ciências naturais, astronomia e frenologia. Nesse contexto, os protagonistas das histórias de Poe não eram o estigma americano, mas personagens excêntricos e obscuros de clara influência europeia, direcionando suas aspirações para as novidades do mundo muito mais do que para o reconhecimento das tradições. Ele escreve em um tempo em que a ciência moderna e as ciências sociais começaram a estabelecer métodos empíricos que desafiavam as concepções religiosas de compreensão do mundo, representando as incertezas do século XIX.

Em termos de carreira literária propriamente dita, na sessão *O autor* trazida pela editora Pandorga em seu compilado *O gato preto e outras histórias extraordinárias* de 2018, diz-se que Poe deu início à carreira de maneira humilde com a publicação de uma coletânea anônima de poemas intitulada *Tamerlão e Outros Poemas*<sup>14</sup> em 1827. Sob o pseudônimo de *A Bostonian*<sup>15</sup> Poe expressa sua identificação com seu local de nascimento, mesmo que anos mais tarde, com o relativo sucesso de seus escritos, tenha reivindicado a autoria do compilado. Posterior a essa publicação, mudou o foco da escrita para a prosa e passou anos trabalhando em revistas e jornais, o que será definitivo para a consolidação do artista... dediquemos assim, algumas palavras à elas.

De acordo com Hervey Allen, nas palavras iniciais que antecedem a obra *Edgar Allan Poe: Ficção completa, poesias e ensaios*, de 2007, as primeiras publicações de Poe deram-se devido aos seus conhecidos, pois Poe não era homem de grandes amigos, de considerável reputação literária, principalmente jornalistas influentes de Boston, a exemplo de John Neal. Em 1829, publicará seu segundo livro *Al Aaraf*<sup>16</sup>, mesmo que tenha sido considerado demasiadamente obscuro e estranho pelos americanos na época. Reforçam-se, com isso, os laços com a Europa que levam Poe a conceber Dupin como um francês.

---

<sup>14</sup> Do original *Tamerlane and other poems*. Versa sobre um personagem que, reconhecendo seu talento para liderar, abandona sua rainha, por quem é apaixonado, para conquistar o mundo. Ao retornar, após obter sucesso em sua jornada, a encontra morta. No primeiro trabalho de Poe, o preço pago para se obter um reino é um coração partido, inaugurando a tragédia que marcaria seu estilo.

<sup>15</sup> Refere-se, em inglês, a um cidadão de Boston.

<sup>16</sup> Poema no qual o cenário é a vida após a morte, que tem por alcunha o título do poema. Percebe-se a presença do místico, outra característica por vezes marcante nos trabalhos posteriores de Poe.

Ainda para Allen (2007) se faz importante mencionar o período em que Poe permaneceu na Academia Militar dos Estados Unidos (1830-1831) forçado por seu tutor Allan, pois foi nela que conheceu Elam Bliss, editor nova-iorquino que lhe abre espaço para publicações na cidade, fazendo com que Poe se mude para lá ao ser dispensado de suas obrigações militares. Mudou-se ainda várias vezes para a residência de parentes por problemas financeiros, deslocando-se para Baltimore onde inicia sua vida reclusa focado em sua arte literária. Os primeiros respiros de reconhecimento ocorrem em 1833 quando Poe vence um concurso promovido pelo jornal *The Saturday Visitor* na escolha do melhor conto, o que lhe garantiu ainda o prêmio de cinquenta dólares.

Para além do dinheiro, ainda para Allen (2007), o principal efeito do concurso foi a aproximação de Poe com John P. Kennedy, cavalheiro bastante rico que lhe auxiliou nas dificuldades e lhe apresentou a Thomas White, editor do jornal *Southern Literary Messenger*, onde Poe começa a colaborar com críticas e contos, sendo convidado em 1835 a se tornar redator auxiliar oficial e se mudar para Richmond, cidade sede. Foi a partir desse fato que Poe torna-se nome amplamente conhecido, fazendo ainda com que as assinaturas do jornal multiplicassem. Em 1837, passa quinze meses improdutivos ao se mudar para Nova York mas assume a edição da revista *Burton's Gentleman*.

Pode-se perceber, assim, que a carreira de Poe constitui-se na contribuição direta em editoriais de jornais e revistas, nos quais, para além de produzir críticas literárias e trabalhar em aspectos técnicos de construção de textos, encontra espaço para publicar suas histórias<sup>17</sup>. O sucesso e reconhecimento do autor só viria, no entanto, em 1845 com a publicação de *O corvo*<sup>18</sup>, obra mais conhecida de Poe até os dias atuais, mas é antes dela que algo fundamental à pesquisa em questão acontece: Dupin é gestado<sup>19</sup>.

Em 1840, de acordo com a obra *A Enciclopédia de Poe*<sup>20</sup> editada por Frederick Frank e Anthony Magistrale em 1997, a *Graham's Magazine* iniciou suas publicações e tinha entre seus editores Edgar Allan Poe já em 1841. Apesar de a atitude de Poe para com a revista ser de desdém perante seu conteúdo que incluía colunas sobre música e moda, o escritor aproveitou

---

<sup>17</sup> Citam-se nesse trabalho as mais importantes para a construção do plano de fundo até Dupin, porém nomes como *Penn Magazine*, *The Casket* (que posteriormente se fundem na *Graham Magazine*) e *Daily Chronicle* aparecem nas bibliografias consultadas e citadas.

<sup>18</sup> No poema, um homem perturbado pelas memórias de uma mulher morta recebe a visita de um corvo falante à noite.

<sup>19</sup> De acordo com Albuquerque (1979) Charles Dupin (1784 – 1873) teria sido o modelo em que Poe se baseou para criar o seu detetive. Charles foi um matemático, engenheiro, economista e político com importantes contribuições para suas áreas de atuação. Porém, questiona-se, até os dias atuais, se Poe realmente esteve em Paris e se entrou em contato com essa figura importante para a sociedade francesa. Nas demais bibliografias citadas neste trabalho, não se encontram referências à Charles Dupin.

<sup>20</sup> Do original *The Poe Encyclopedia*. Tradução própria.

sua posição para alavancar seu papel como árbitro literário, tornando-se, a partir de suas publicações, o progenitor da crítica literária americana. É na *Graham's Magazine* que Poe publicará “Os assassinatos na Rua Morgue” em abril de 1841 originando a trilogia dos contos de Dupin expostos aqui como fontes historiográficas.

Após os produtivos porém conturbados anos vividos por Poe na América, as controvérsias poderiam ter sido findadas em 7 de outubro de 1849, com a morte do artista. Porém, um personagem importante entra em cena. Dado o perecimento sem motivos conclusivos de Poe<sup>21</sup>, Rufus Wilmot Griswold aproveita-se da situação para publicar um obituário<sup>22</sup> que seria definitivo ao moldar a reputação de Poe criticando seus hábitos pessoais, principalmente do alcoolismo e dos excessos amorosos, e o descrevendo como um solitário melancólico que desprezava a humanidade.

Adentrando a leitura nas páginas escrita por Hayes (2009) descobre-se, no entanto, que a influência de Griswold para o público não foi aleatória. Poe o havia escolhido, anos antes, como seu *literary executor*, expressão que designa o responsável pela publicação póstuma dos escritos de um autor falecido, mesmo Griswold tendo publicado várias críticas negativas sobre os trabalhos de Poe. Na visão de Hayes (2009) Poe havia aprendido, na sua jornada como editor e crítico literário, que a controvérsia vende livros, justificando-se sua atitude, expressa ainda na inclusão do polêmico obituário nas edições das obras de Poe publicadas por Griswold. Mas sua carreira não morre com ele.

Poe encontraria sua redenção como artista nos cuidados de Charles Baudelaire, poeta, teórico e crítico de arte francês. Baudelaire achou em Poe a personificação do “artista que desrespeitava todas as convenções e no qual o dissoluto brilhantismo era uma resposta apropriada às estruturas repressivas da moralidade burguesa” (FRANK, MAGISTRADO, 1997, p. 35). Se conectando com Poe em uma espécie de parentesco artístico, o francês dedica muitos anos de sua vida à tradução dos contos do americano, além de publicar inúmeras críticas que elogiam seu trabalho e se tornam fundamentais para a consolidação de Poe como um grande escritor de seu tempo, tanto na Europa quanto em sua terra natal, décadas mais tarde.

De acordo com Hayes (2009) muitos países europeus traduziram as obras de Poe do francês publicado por Baudelaire, mais do que do inglês original, demonstrando sua influência

---

<sup>21</sup> Todos os autores citados nesse trabalho, que versam sobre a biografia de Poe, concordam no fato de que os verdadeiros motivos da morte do autor são inconclusivas até os dias atuais, permanecendo um mistério que provavelmente nunca encontrará solução.

<sup>22</sup> Obituários consistem em notas publicadas, geralmente em jornais ou revistas, informando sobre o falecimento de uma pessoa. Geralmente são acompanhados de uma breve biografia do falecido ou alguma informação sobre sua vida. O obituário completo de Edgar Allan Poe, em inglês, pode ser acessado através do endereço <https://www.eapoe.org/papers/misc1827/nyt49100.htm>.

no reconhecimento de Poe como artista. Percebe-se, com isso, a clara distinção entre os dois caminhos que a reputação do escritor toma após seu falecimento: os norte-americanos, influenciados pelo obituário e pela cadente reputação de Poe, vão hesitar em reconhecer seu gênio; os europeus, por outro lado, o aceitam de peito aberto. Hayes (2009) diz ainda que a influência de Poe na Europa era tamanha que Júlio Verne não só foi influenciado pelos nuances criativos do artista pelas veredas da ficção científica, como dedicou sua obra *A Esfinge dos gelos* à ele<sup>23</sup>.

### 2.3 ROMANCE POLICIAL

Convidando as palavras da obra *O que é romance policial* para apelar ao lado emocional dos amantes da arte literária, a autora Sandra Lúcia Reimão (1983, p.4) questiona

Quantas vezes eu, você, passamos numa banca de jornal, numa farmácia, numa livraria, e sentimos um impulso irresistível de comprar um romance policial para ler antes de dormir? Quantas vezes num domingo de inverno tudo o que a gente quer é ficar sentado quietinho e quentinho devorando romances policiais?

Tomando os questionamentos prévios como base para entender o que há de especial em narrativas que misturam mistério, mentes brilhante e não raramente altas doses de violência, traçam-se a seguir os trajetos do gênero literário que preenche prateleiras e gira a manivela do mercado através do gosto humano pelo excêntrico. As relações de Poe com a Europa, a publicação dos seus contos neste continente e o fato de o cenário que abriga Dupin ser Paris, nos levam a atravessar o oceano e nos encontrarmos longe da terra natal do autor.

Nos escritos de Ernest Mandel (1988) o advento do romance policial pode ser explicado como um fenômeno social, ligado diretamente ao desenvolver das sociedades humanas. Para o autor, o que Poe escreve no século XIX tem como plano de fundo os contos e canções populares dos “bons bandidos”, a exemplo de Robin Hood, que expressam a contestação ao regime, principalmente na transição do feudalismo para o mundo capitalista em fins do século XVI. Sem pretender traçar uma genealogia detalhada da literatura criminal, utiliza-se do argumento de Mandel (1988) para justificar a ausência de figuras como policiais ou mesmo detetives nessa modalidade anterior de narrativa, uma vez que o contexto não exigia.

---

<sup>23</sup> Em tradução própria da obra de Vines (2009), afirma-se que Júlio Verne (1828 -1905), renomado escritor francês, abertamente admirava Poe e incorporava elementos dele em seus escritos. Para citar um exemplo, *Cinco Semanas em um Balão*, de Verne, deriva diretamente de *O Embuste do Balão*, de Poe. Novamente, tem-se na França a receptividade notória perante a obra do norte-americano renegado em sua terra natal.

Para Reimão (1983), que limita a explicação da gênese do romance policial ao século XIX, outros dois fatores somam-se na equação. O primeiro deles seria o surgimento da polícia enquanto acepção contemporânea do termo, formada por ex-militares mas também pela colaboração de ex-condenados que parecem redimir seu passado através do combate aos contraventores posteriores a eles. O próprio conceito de crime, como já pontuado por Mandel (1988), sofre transformações, sendo agora, na visão de Reimão (1983), ações contra a sociedade como um todo a partir dos delitos contra as regras do Estado, não mais uma quimera entre vizinhos medievais resolvida internamente a partir do debate – ou da violência.

É interessante concluir a ideia de Reimão (1983) para a institucionalização da polícia como influência ao pontuar que, por serem ex-praticantes dos mesmos delitos que passam a combater, a desconfiança por parte da população existe, uma vez que a linha desenhada nesse contexto é extremamente tênue. Assim, explica-se o carisma por figuras como Dupin, agentes investigativos sem um passado ligado ao crime que exploram soluções para além do empirismo de quem conhece o funcionamento do esquema por já ter feito parte dele, como os policiais.

O segundo fator exposto pela autora seriam as transformações no mundo das ideias. O positivismo, corrente filosófica em voga, tem como pressuposto o regimento do universo através de leis a partir das quais o ser humano funciona e existe. Nessa corrente, o trabalho do detetive que bebe das fontes da lógica e do racionalismo seria nada mais do que decodificar a ação do criminoso a partir de seus princípios gerais de funcionamento. A patologia mental na qual se encaixa o crime não passaria de falhas éticas e morais na conduta de desgarrados. E os jornalistas parisienses? Ora... Obviamente lucraram com isso.

Em relação ao gosto pelo mórbido e pela desgraça alheia, adentrando no século XVIII, ainda para Mandel (1988), a contenção de manifestações como a imprensa e o teatro popular por parte do governo tentava mascarar a realidade do aumento da criminalidade, principalmente nas ruas de Paris, a fim de evitar o sentimento de insegurança, uma vez que a burguesia e as camadas letradas da classe operária teriam acesso ao material. No entanto, o advento da criminalidade considerada profissional, que para o autor se origina do desemprego observado no modelo econômico vigente, abre espaço para um novo tipo de negócio: o faturamento com a curiosidade humana.

O mesmo ocorre na visão de Álvaro Lins (1954), pois segundo seus escritos, o século XIX propicia o aparecimento dos grandes criminosos pelo contexto de aglomeração urbana nos grandes centros industriais. Para além, apenas sociedades impregnadas de mistérios e de crimes fortemente chocantes poderiam fazer surgir tal literatura, havendo uma necessidade imprescindível de comunicar o ficcional e o real.



Assim, concluindo a argumentação de Mandel (1988), a imprensa se beneficia ativamente das narrativas que apresentam assassinatos brutais e relatos explícitos de crimes reais que passam a circular pelas ruas europeias.<sup>24</sup> Em suma, o interesse pelo romance policial surgiu, tratando-se do continente europeu, nas camadas populares, tendo em vista que os “ávidos leitores dos folhetos baratos fascinavam-se com a violência presente nas histórias cruas e contundentes do universo marginal. E também pelos *fait divers*<sup>25</sup>, veiculados diariamente pelo noticiário policial dos jornais.” (SILVA, 2009, p.96). No entanto, a popularidade em expansão de tais meios fez com que as narrativas recebessem conotação menos explícita e ganhassem um reforço no viés do mistério, tornando-os mais palatáveis à elite, que passa a consumir livros que narram o crime no meio social da sua classe.

Reforçando o exposto até então e concluindo a ideia, para Paulo de Medeiros Albuquerque (1979) a origem do interesse humano pela aventura está na própria origem da vida, uma vez que a luta primal pela sobrevivência, ou mesmo as grandes civilizações, cria heróis e situações extraordinárias para que atuem na luta do bem contra o mal. A narrativa desse antagonismo ao longo da história seria a responsável por divulgar os feitos e interessar os leitores. Indo além, o autor chega a questionar se a jornada da criação do mundo em sete dias, nos moldes bíblicos, teria o mesmo efeito se narrada de outra forma, monótona e sem as reviravoltas que mantêm os leitores virando as páginas de uma obra com a ânsia de querer saber mais.

Assim, Albuquerque (1979) enraíza o romance policial muito mais como um derivado direto do romance de aventuras, e seus desdobramentos em prol da novidade necessária para continuar agradando o público, do que uma narrativa espontânea sobre os crimes que assolavam a sociedade. No entanto, entra em consenso com os autores previamente citados pois, no fim das contas, chega à conclusão de que apenas um grande número de acontecimentos dessa natureza seria capaz de gerar tais relatos.

O interesse pelo horror, pelo macabro ou mesmo pela explícita violência criminal parece, com isso, ganhar um sentido para além da curiosidade humana, transformando a tendência para amar os relatos de aventuras, com a liberdade literária ou a rigidez historiográfica, em um órgão naturalmente humano, datado de sua ancestralidade enquanto

---

<sup>24</sup> Ainda para o autor, Thomas de Quincey (1785 – 1859), escritor inglês, através de um ensaio de 1827 *Do assassinato como uma das belas artes* abre portas para escritores como Poe ao insistir nas delícias do assassinato e na especulação sobre a descoberta dos criminosos.

<sup>25</sup> Em seu sentido mais comum, um *fait divers* é a seção de um jornal na qual estão reunidos os incidentes do dia, geralmente as mortes, os acidentes, os suicídios ou qualquer outro acontecimento marcante do dia (DION, 2007, p. 124-125).

espécie. Parece que precisamos, para além de substâncias químicas elementares, de algo a mais, algo que os batimentos cardíacos não são capazes de transportar ao crânio. Esse papel estaria com a literatura.

Em relação ao conteúdo das fontes em concordância com o exposto, dos três contos de Poe estudados aqui, dois deles, “Assassinatos na Rua Morgue” (1841) e “O mistério de Marie Rogêt” (1842), exploram o crime através da brutalidade que faz vítimas não em evidência nas altas camadas da sociedade, porém com certo prestígio em seu meio social, ao menos o suficiente para acarretar comoção nos arredores da trama. O terceiro deles, “A carta roubada” (1845), trata diretamente de acontecimentos na camada mais alta da sociedade, expressa pela corte francesa.

Sobre o gênero propriamente dito, Edgar Allan Poe publica, em abril de 1841, o conto que é considerado a primeira narrativa policial moderna<sup>26</sup>. Inventando o detetive moderno, de acordo com Reimão (2005), o narrador dos contos de Poe apresenta ao mundo uma máquina de pensar que utiliza-se de vestígios, pistas e indícios para resultar na dedução lógica, o qual recebe a graça de Auguste Dupin. Porém, tal personagem seria apenas um esboço e o seria “intencionalmente, pois a ausência de características e personalidade próprias salienta ainda mais sua capacidade de raciocínio, seu aspecto de máquina de leitura de indícios via intelecto” (REIMÃO, 2005, p.25). Dupin serviria, assim, como o instrumento pelo qual se esclarece o enigma, esse sim o protagonista da narrativa.

Talvez esse viés apresentado por Reimão (2005) explique a popularidade alcançada por Holmes de Doyle ou Poirot de Christie, mesmo que Dupin esteja na gênese do gênero. Os personagens ganham profundidade, aspectos próprios e características que tornaram-se referências para seus posteriores. Na trilogia de Poe, no entanto, o crime e a dedução ofuscam a importância que se constrói na caracterização do personagem, mesmo que excentricidades como a “fabricação da noite” lhe forneçam certo interesse.

Em termos técnicos de produção narrativa, o método que diferenciaria o romance policial de outras categorias de romance, seria, para Lins (1954) a presença do enigma, da estrutura psicológica do criminoso e da inteligência objetiva do detetive, sendo essas as

---

<sup>26</sup> Na obra de Albuquerque (1979) encontram-se comentários sobre *Zadig ou o destino* (1747), de Voltaire. Nesta história, o personagem principal utiliza-se de um espírito dedutivo para resolver o desaparecimento de animais de estimação da realeza. Porém, o autor considera que Voltaire enquadra-se como o precursor dos rastreadores índios na literatura norte-americana, que consistem nos personagens que interpretam rastros e vestígios na natureza ao investigar um caso, não um romancista policial propriamente dito, visto que os elementos fundamentais não estão presentes. Charles Dickens (1812 – 1870) é ainda citado como um dos autores que acidentalmente experimentou o gênero, porém ao morrer deixa inacabada sua obra e não resolve o mistério apresentado na trama, novamente traindo os elementos fundamentais de um romance policial.

condições que lhe dão existência autônoma com técnicas, recursos e regras próprias. Sobre a conduta do romancista, complementa-se que ele

não pode mistificar ou perturbar o enredo a um ponto em que o leitor não possa por si mesmo descobrir o enigma. Deve colocar diante de nós todos os dados do problema, sem o uso de qualquer truque ou golpe sensacional que não possamos aprender logicamente. Não lhe será lícito lançar mão de qualquer elemento sobrenatural ou inteiramente arbitrário (LINS, 1954, p.24).

Retomando Mandel (1988), que além de explicitar as origens do romance policial elenca elementos essenciais que servem no enquadramento em uma obra no gênero, afirma-se que o número de personagens é pequeno, que todos estarão presente na cena do crime em algum momento da história, que o espaço de tempo da narrativa é curto e que acontecimentos passados são sempre a chave para se chegar ao criminoso. Tais elementos, somados aos apresentados por Reimão (2005) e Lins (1954), definem o romance policial clássico, que os diferem do *noir*<sup>27</sup> por exemplo.

De acordo com Reimão (2005) a presença de uma narrador que utiliza-se da memória para recontar as ações do detetive é outro traço inaugurado por Poe. A função dessa figura seria construir a trama através de vestígios, pistas e indícios, porém sempre um passo atrás da mente dedutiva do detetive, uma vez que a revelação final do enigma é um aspecto marcante do gênero que seria perdido sem este recurso. No caso de Poe, o leitor não conhece o nome, a aparência física ou a idade do memorialista, relegando novamente a importância total ao caso analisado, não ao personagem humano. O principal autor influenciado por essa tendência é Arthur Conan Doyle que gera Dr. Watson.

Por fim, para explicar a popularidade de tal gênero, que segundo Lins (1954) transcende a barreira de figuras como Hamlet e D. Quixote, uma vez que cartas reais chegaram à 222B Baker Street, morada ficcional de Sherlock Holmes em Londres, deve-se ter em mente que

a leitura de um romance policial é uma evasão, uma troca de realidades, é a entrada num universo de natureza anormal, o do crime, apaixonando os leitores não só pelo extraordinário, mas também por uma ligação secreta com este mundo de horrores, operada na circunstância de que no homem mais virtuoso ou tímido existe a possibilidade de praticar o ator anormal ou criminoso (LINS, 1954, p 11).

---

<sup>27</sup> Também chamado de romance negro. Não há história a adivinhar; não há mistério, no sentido em que ele estava presente no romance de enigma. Mas o interesse do leitor não diminui por isso: nota-se aqui que existem duas formas de interesse completamente diferentes. A primeira pode ser chamada de curiosidade; sua caminhada vai do efeito à causa; a partir de certo efeito (um cadáver e certos indícios) é preciso encontrar a causa (o culpado e o que o levou ao crime). A segunda forma é o suspense e aqui se vai da causa ao efeito: mostram-nos primeiramente as causas, os dados iniciais (*gangsters* que preparam um golpe) e nosso interesse é sustentado pela espera do que vai acontecer, isto é, dos efeitos (cadáveres, crimes, dificuldades). Esse tipo de interesse era inconcebível no romance de enigma, pois suas personagens principais (o detetive e seu amigo, o narrador) eram, por definição, imunes: nada podia acontecer-lhes. A situação se inverte no romance negro: tudo é possível, e o detetive arrisca sua saúde, senão sua vida (TODOVOV, 2006, p. 98).

Apesar da genialidade de Edgar Allan Poe, destacada por vários autores citados anteriormente, o contexto de criação de seus três contos tão caros para a história do romance policial bebeu de mananciais bem específicos, ilustrado nas concepções de crime e justiça vigentes no século XIX, além de inspirar o trato com o crime em seus posteriores. Tal cena, no entanto, é conteúdo para o próximo capítulo.

### 3 ALGO ESPREITA A ESCURIDÃO NA CAPITAL FRANCESA

Os delinquentes rondam a cidade. O perigo espreita as vielas sombrias de ruas desertas ao cair da noite. O pacato silêncio das manhãs dominicais torna-se cenário de atrocidades inenarráveis. Os folhetins recheiam-se de palavras que fazem estremecer o cidadão parisiense. Porém, é seguro dizer que a inquietação da capital francesa atravessou as barreiras geográficas e revolucionou o percurso literário policial. Digo isso, caro leitor, pois o poeta perturbado por seus próprios pensamentos que protagoniza este estudo foi concebido e gestado em solo norte-americano, porém foi na famigerada e romântica Paris que Dupin, seu personagem, ganhou morada.

Dessa maneira, convido-o para embarcar agora em uma jornada que deve ser evitada pelos fracos do coração, a fim de investigar as faces criminais parisienses e o trato com elas, criando um panorama do século XIX que inspirou Edgar Allan Poe a versar em seus contos sobre um território de certo modo místico, considerando-se o tráfego de informações em moldes diferenciados da rede mundial que instantaneamente conecta os polos terrestres no século XXI. Em suma, Poe considerou que havia algo no além mar que merecia se escrever sobre, então prestemos atenção em suas pistas, como um bom detetive o faria.

Nas palavras de Jean-Claude Monet em *Polícias e Sociedades na Europa* (2001), as funções policiais na Europa até o século XVIII foram exercidas por voluntários sorteados ou por rodízio entre os habitantes, inaugurando o século XIX com a exigência de saber ler e escrever. Por mais que o índice de crescimento urbano, principalmente devido à industrialização, não seja acompanhado pela progressão da quantidade de policiais no cargo, as tarefas que lhes cabiam eram atendidas pelo número de agentes atuantes. Entre elas então a garantia da ordem em festas e espetáculos, zelar pela saúde pública ao vigiar a limpeza das ruas e a fiscalização do frescor nas mercadorias alimentares vendidas por comerciantes de rua.

Ainda para Monet (2001) quem patrulhava as cidades no período correspondente ao final do século XVIII era o exército, e foram justamente os ex-militares que ocuparam os cargos de primeiros policiais, voluntários no contexto do sorteio citado anteriormente justamente por não exercerem outra ocupação e já estarem nesse meio. No entanto, os baixos salários raramente atraíam recrutas de qualidade, e quando o fazia os mesmos eram forçados a buscar um segundo ofício para conseguirem obter os recursos financeiros necessários à sobrevivência.

Com tamanha limitação do sistema de proteção da boa gente contra as peripécias da selvageria e da desordem, ilustrada pelas classes menos favorecidas, que para Daniel Roche em

*O povo de Paris* (2004), transformara Paris em uma caldeira fervente<sup>28</sup>, a solução estaria na identificação e na vigilância. Todas as pessoas, de todas as classes sociais, deveriam ser passíveis de identificação, o que fará com que os bairros sejam divididos em 20 seções de 20 casas, para citar um exemplo. Assim, delegados, inspetores e síndicos formariam a base de uma rede de informação acumulada em um banco central de fichários rotativos que forneciam dados necessários à apreensão de um suspeito em um literal piscar de olhos, ou uma virada de página.

Ainda para Roche (2004), a divisão policial parisiense parece complexa se comparada com países como a Inglaterra, por exemplo, visto que o tenente comanda, o inspetor informa, a polícia prende, os juízes condenam e os padres dão absolvição, numa espécie de cadeia de eventos que, brinca o autor, só precisaria ser complementada pelo carrasco e o coveiro. Entretanto, o processo de racionalização dos modelos criminais e administrativos se inicia por toda a Europa no século XIX, o que justifica a presença de autores italianos como Enrico Ferri e Cesare Lombroso nos escritos a seguir.

Considerados para Michelle Perrot em *Os excluídos da História* (2006) como espelhos quebrados da imagem social, relegados às prisões que podam seus costumes e asilos que abalam suas paixões, crimes e criminosos são além de tudo resultado de conjunturas que colocam diferentes grupos em atrito no cenário urbano que se desenha predominante no século XIX, causando movimentos intelectuais e práticos que almejam legislar para corrigir e punir. No entanto, desde o século XVIII um movimento de deslocamento acontece, e não é mais o corpo físico que sofre as consequências da delinquência.

Em *Vigiar e Punir* (1987), Michel Foucault explora a França do século XIX em uma perspectiva que abandona o corpo suplicado, esquartejado e amputado em prol do espetáculo popular do exemplo. Para o autor o essencial passa a ser corrigir, reeducar e curar, substituindo a figura do carrasco por agentes como guardas, médicos, psiquiatras, psicólogos e educadores que castigam a alma, o coração, o intelecto, a vontade e as disposições, a fim de podar os anseios delinquentes e reestabelecer a razão. Em síntese, o castigo sem suplício<sup>29</sup> encontra o homem no criminoso, e é sobre este homem que se desenvolverão uma série de ciências e práticas criminológicas.

O esforço empenhado em reestabelecer o criminoso auxilia ainda no entendimento do tratamento diferenciado para reincidentes. De acordo com Foucault (1987) as penas poderiam

---

<sup>28</sup> Para o autor, a cidade dividia-se entre os que “pagavam” o progresso da polícia e os que eram “vítimas” da mesma. O contraste entre as classes abastadas e os miseráveis, que lotavam as ruas de Paris, oferece um grande perigo não só de aumento da criminalidade, principalmente no que tange delitos contra a propriedade, como também no constante medo de que eclodam revoltas.

<sup>29</sup> Perturbação ou sofrimento público de um condenado, seja ele físico ou moral.

ser dobradas para alguém que persistisse na vida delinquente. A identificação valorizada nos escritos de Roche (2004), citado anteriormente, é assim reforçada, uma vez que atenuantes como a loucura e o crime passional, dado como involuntário, irrefletido e ligado à circunstâncias extraordinárias, perdem o valor. A maldade momentânea desencadeada por segundos de cólera é dissipada pelo puro cálculo do criminoso nato, como veremos nas páginas marcadas por figuras sombrias que aguardam o leitor a seguir.

Sobre a formalização dessas transformações, a partir de 1789, com a Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, fica claro na França que o conceito de lei abrange a expressão da vontade geral, garantindo valores como o princípio da igualdade e a proibição de prisões arbitrárias. Elizabeth Roudinesco, no entanto, em sua obra *A parte obscura de nós mesmos* (2008) dirá que a partir de 1810, quando se estabelece o Código Penal Francês, a legislação vigente sobre a qual falaremos mais tarde, fruto da Revolução Francesa e dos princípios citados anteriormente, sofre profundas modificações. A principal delas seria o abandono dos crimes de cunho moral, que passam a ser estritos e relegados às leis naturais e religiosas, abolindo-as do campo jurídico.

Por mais que Roudinesco (2008) refira-se amplamente aos crimes ligados às práticas sexuais, a trajetória que a autora traça para delinear o Código de 1810 muito interessa aos estudos criminais do século XIX de maneira geral. Inspirado nos princípios Iluministas e no advento da ciência como parte fundamental dos aspectos sociais, ao conhecer o documento gestado em 1810, entende-se a transformação das práticas policiais e da natureza dos crimes passíveis de serem punidos, bem como refletem-se os ideias de castigo voltados à algo além da humilhação física, como expuseram os autores dos parágrafos acima.

Dessa maneira, para Foucault (1987), diferentes práticas criminais exigem diferentes penalidades, considerando ainda que a pura reclusão não surte efeitos no público, que não vê a lei acontecendo, além de ser nociva ao delinquente por lhe dar abertura para multiplicar seus vícios. O trabalho forçado, as execuções e as deportações para as colônias propostas no Código de 1810 teriam, assim, a finalidade de adaptar o homem desvirtuado às exigências de uma nova configuração de sociedade, amplamente voltada ao trabalho e à produção.

Outra justificativa apresentada por Foucault (1987) para a alteração das punições estaria no perigo político. Em nenhuma ocasião que não fossem os rituais de suplício e humilhação pública, o povo se sentia tão próximo de quem sofria a pena. Para o autor, a solidariedade por pequenos criminosos, como vagabundos, falsos mendigos ou pobres, resultaria na resistência ao policiamento e a caça aos denunciadores, uma vez que essa figura que xeretava a vida alheia não era bem visto no século XIX pelos franceses. Dupin, primeiramente por não ser um policial

e secundamente por dedicar todas suas habilidades fascinantes à crimes hediondos e de comoção popular, seria a figura perfeita para protagonizar investigações na capital.

Assim, por mais que Poe não tenha justificado em vida sua escolha por Paris, há de se entender porque a Europa, e não a América, abrigou o primeiro detetive ficcional da história. Sigamos seus indícios.

### 3.1 A CIÊNCIA BATE A PORTA NA RUA MORGUE

Nossa jornada inicia-se em Paris, em uma biblioteca pouco conhecida na rua Montmartre, onde dois cavalheiros afeiçoados às letras procuram o mesmo volume, deveras raro e extraordinário, apesar de nunca nos contarem qual. Foi lá que o narrador – do qual não conhecemos o nome – avistou pela primeira vez Auguste Dupin, sujeito do qual registraria as mais fantásticas histórias de crime e mistério que a França já teve notícia. A essa altura do trabalho, creio estar claro que a referência do parágrafo é de um dos contos policiais – e ficcionais – de Edgar Allan Poe, que lhe foi apresentado, meu querido leitor, no capítulo anterior e que vem sendo chamado afeiçoadamente de Poe. E é a partir deles que conheceremos as entranhas dos crimes – não ficcionais – do século XIX.

A primeira exposição dos feitos de Dupin parte da edição vespertina do Jornal *Gazette des Tribunaux*, onde se encontra noticiado que “assassinatos extraordinários – esta madrugada, por volta das três horas da manhã, os habitantes [...] foram acordados por uma série de gritos terríveis que partiam de uma casa na Rua Morgue” (POE, 2018, p.77). Tratava-se de Madame L’Espanaye e sua filha Camille L’Espanaye, brutalmente mutiladas em um crime que parecia sem solução. Não haviam vestígios convincentes no local, a rota de escape do perpetrador de tal atrocidade parecia inexplicável e a fúria empregada na violência com que se trataram os corpos parecia além das capacidades humanas. Pois bem... frente à acontecimentos excepcionais, precisavam-se extrapolar hipóteses tradicionais. Tratemus disso.

Ao escrever que “Vidocq era bom em conjecturas e perseverava, mas sem uma mente treinada enganava-se continuamente pela própria intensidade de suas investigações” (POE, 2018, p.90) o narrador, em uma nota de rodapé explica se tratar de um criminalista francês fundador e diretor da polícia francesa, além de ter gestado a primeira agência de investigação particular de que se tem notícia, o que lhe confere um enorme peso no estudo criminológico da França. A informação que salta aos olhos, no entanto, é a de que Vidocq, o grande criminalista moderno, decidiu explorar os trilhos da justiça somente após cansar de uma vida criminosa. A redenção, ao que parece, não é tão irreal quando o século XVIII havia suposto.



Sobre Eugène-François Vidocq, podem ser encontrados registros magníficos de suas peripécias delinquentes que possibilitaram o desenvolvimento de habilidades e invejável destreza que lhe conferiram posteriormente tal cargo na instituição da lei francesa. Grande parte das informações<sup>30</sup> encontradas sobre sua trajetória moldam a imagem de Vidocq como um verdadeiro Sherlock Holmes, uma vez que os autores tomam por referência justamente o livro de memórias publicado pelo francês, onde podem ser encontrados relatos absurdos de fugas da prisão envolvendo disfarces de freira e atuações com o mais alto nível de criminosos europeus. Tais relatos fizeram saltar os crentes olhos contemporâneos sedentos pelo próximo volume de suas publicações.<sup>31</sup>

Alexander Mikaberidze, no entanto, em *O Sherlock Holmes de Paris*<sup>32</sup> (2010), critica justamente a falta de um trabalho investigativo digno de fontes confiáveis sobre os reais feitos de Vidocq, apresentando em seu texto apenas indícios comprovados do que se sabe sobre ele. De fato nasceu em 1775 e fugiu de casa muito cedo após fazer do pai sua primeira vítima de roubo, unindo-se à um circo itinerante e tornando-se mais tarde vendedor ambulante, visto que com 16 anos é enviado ao exército pela família, quando retorna para casa por problemas financeiros, para que aprenda alguma disciplina.

Ainda para Mikaberidze (2010), em 1794 Vidocq deserta e passa a viver como um vagabundo cometendo pequenos delitos que lhe garantiram a sobrevivência, o que inclui juntar-se a um bando errante de ex-soldados e oficiais que, munidos de documentos falsificados, invadiam guarnições para extraírem recursos. Em 1809, no entanto, cansado de viver com medo após ser chantageado por criminosos que o entregariam, decidiu se render à polícia, que rapidamente aproveitou-se de sua experiência para transformá-lo em um informante. Seu papel basicamente era sondar os presos sobre identidades forjadas e crimes não resolvidos.

Nesse momento, caro leitor, creio estarem surgindo em sua mente dúvidas pertinentes. Se ainda não o fez, acompanhe o seguinte raciocínio: Vidocq aproveitou uma oportunidade oferecida pela polícia francesa e aceitou trocar informações por reduzidas penas encarcerado nas problemáticas celas de Paris, mas isso seria o suficiente para transformá-lo, nas palavras do autor citado anteriormente, em um verdadeiro antecedente dos detetives ficcionais mais famosos dos quais se tem notícias? A resposta é objetiva: não. Mas é exatamente a partir desse

---

<sup>30</sup> Como por exemplo: EDWARDS, Samuel. **The Vidocq Dossier: The Story of the World's First Detective**. New York: Houghton Mifflin, 1977.

<sup>31</sup> Uma versão em inglês do livro de memórias de Vidocq pode ser encontrada no endereço <https://archive.org/details/memoirsvidocqpr00cruigoog/page/n128>

<sup>32</sup> Tradução própria do título *The Sherlock Holmes of Paris*: Eugène-François Vidocq (1775-1857).

ponto que nosso algoz ganha verdadeiro destaque. Após apresentá-lo, demos-lhe sustância para ostentar o título que lhe foi conferido.

Clive Emsley e Haia Shpayer-Makov em *Detetives Policiais na História*<sup>33</sup> (2006) nos mostram que o fora da lei carismático e engenhoso se tornou o grande símbolo na captura de contraventores, revolucionando os métodos policiais, focados anteriormente no controle da desordem social e política, ao elencar o disfarce e a infiltração em grupos criminosos como estratégia para a coleta de dados. O sucesso comprovado da atuação de Vidocq como detetive, tanto associado à polícia quanto em sua agência particular posteriormente, que apreendia milhares de contraventores todos os anos, pode ser resumida, assim, em uma palavra: informação.

Em 1842, ainda para Emsley e Shpayer-Makov (2006), Vidocq e seus agentes haviam acumulado arquivos sobre mais de 30.000 bandidos parisienses, extraídos principalmente do tempo em que ficara na polícia francesa, onde teve acesso aos arquivos, técnica que passou a ser conhecida como o primeiro passo para desenvolver um sistema de rápida identificação de criminosos. Outro ponto importante estaria na memória e ampla capacidade de Vidocq em associar o nome com o rosto, pois antes de técnicas como impressão digital, antropometria<sup>34</sup> e daguerreotipo<sup>35</sup>, precisava-se confiar exclusivamente nas descrições verbais dos suspeitos. Por isso, Vidocq e seus agentes tinham por hábito visitar prisões com a finalidade da rápida captura de reincidentes.

Se faz interessante destacar que em “Os assassinatos na Rua Morgue” as testemunhas são ouvidas amplamente, tendo em seus relatos e opiniões a respeito do ocorrido os grandes motores que impulsionam a investigação. A imagem hipotética que se tem do criminoso pauta-se nos depoimentos recolhidos entre os presentes na proximidade do local na ocorrência do crime. Diferentemente dos métodos bem elaborados de Dupin ou Vidocq, tais indivíduos baseiam-se no que eles conhecem dada sua experiência no mundo, pois cada testemunha descreverá um criminoso de nacionalidade variada a partir dos idiomas que conhecem e em como eles soam aos ouvidos de seus contrapontos estrangeiros.

Encerrando as considerações sobre Vidocq, em acordo com os autores citados, entende-se que as contribuições dessa figura para os métodos policiais foram de fato importantes, porém seu grande trunfo, e o que lhe fez ganhar o destaque necessário para tornar-se objeto de estudo de pesquisadores, ou digno de ser citado nos contos de Poe, foi seu viés literário. Gerando no

---

<sup>33</sup> Tradução própria do título *Police Detectives in History, 1750–1950*.

<sup>34</sup> Medição de partes do corpo humano.

<sup>35</sup> Aparelho fotográfico criado no ano de 1837.

público a possibilidade de perceber as práticas policiais de forma atrativa e chamar atenção para as deliciosas peripécias da delinquência, o grande motor do romance policial foi traçado por um criminoso que viu a oportunidade de ascender através de suas histórias, obviamente com pitadas de mirabolância, visto que enriqueceu e ganhou fama em vida antes de endividar-se e retornar ao crime nas proximidades de seu falecimento em 1842, como mostram Emsley e Shpayer-Makov (2006).

Ao citar seu nome, o narrador parece reconhecer seus esforços policiais e lhe dar créditos, por mais que de certa forma considere os métodos e análises de Dupin muito superiores às dele. Assim, quase satiriza a vida de Vidocq e seus relatos, pois ao mostrar conhecimento sobre essa figura induz o leitor, principalmente o europeu contemporâneo que ouvia falar de Vidocq e sua obra, a ver os traços dele em seus escritos. Porém, após escrever “Os assassinatos na Rua Morgue” e apresentar nas linhas de iniciais de “O mistério de Marie Rogêt” que não pretendia voltar para o mundo policial antes de se deparar com a brutalidade que inspirou seu segundo relato, pode-se criar a hipótese de que Poe tenha “tomado gosto pela coisa” ao provar do doce néctar que levou Vidocq a fantasiar sobre as entranhas do crime e dos foragidos de Paris, utilizando-se do que chegou até ele como combustível para prosseguir nessa jornada.

Se o conto pretendeu, no século XIX, deixar no nome de Vidocq uma pista para que o leitor chegasse às entranhas de suas inspirações parisienses, de certa forma justificando o rico cenário criminal da capital francesa como palco para seus escritos, pode-se afirmar que de fato ela foi seguida. Vidocq merece o título de *Sherlock Holmes parisiense*, ou melhor, Sherlock Holmes é quem merece a alcunha de *Eugène-François Vidocq britânico*, visto que é posterior à ele. Após apresentar as provas dispostas acima, espero que possa concordar com meu devaneio.

Entendendo que as artimanhas de Vidocq e as aventuras de Poe entre os campos da razão advém da nova conjuntura científica desencadeada a partir do século XIX, para Carlos Augusto de Proença Rosa, em *História da Ciência* (2012), a Europa aparece nesse período como o principal centro produtor do conhecimento científico, bem como se configura num irradiador dessa gama de ideias que resultariam na aplicação em prol de melhorar a experiência humana enquanto vida na Terra. Em outras palavras, se reconhecem metodologias, procedimentos e técnicas, fazendo com que se encontrem respostas para as demandas advindas da problemática social, refletida na explosão demográfica e na vasta urbanização resultante da industrialização.

Este cenário, ainda na visão de Rosa (2012), se tornou objeto de estudo e reflexão de filósofos, intelectuais, políticos, industriais, trabalhadores e escritores, que em seus anseios buscavam soluções que estivessem de acordo com seus ideias e percepções do ambiente ao

redor. Porém, para a jornada atual nos dediquemos a destrinchar o intelecto daqueles que tiraram do caos urbano novas concepções sobre o estudo das delinquências e do que de fato é feito o criminoso. Seria ele produto de seu tempo? De sua biologia? De suas desenfreadas paixões? Recorramos primeiramente à Enrico Ferri.

De acordo a obra *Criminologia Social*<sup>36</sup> (1996), da qual a primeira edição data de 1881, nos meados do século XIX, florescem na Europa novas concepções de crime e criminoso. Tal abordagem é oriunda da filosofia experimental, de avanços no estudo da biologia e psicologia humana e do estudo das sociedades em suas novas configurações, o que para Ferri (1996) cria uma atmosfera favorável ao entendimento das manifestações criminais. Assim, objetivando tratar do crime e seus sintomas como patologia social oriunda de aspectos físicos, sociais e condições de vida, além de fornecer teorias e punições cabíveis, surge a Escola Criminal Positivista.

Assim, os autores dessa famigerada Escola, ilustrados principalmente pelos nomes Enrico Ferri, Cesare Lombroso e Raffaele Garofalo (estes últimos dos quais falaremos posteriormente), inauguram um período da criminologia que contrapõe o que se conhece por período clássico. Do período clássico, no entanto, é importante mencionar Cesare Beccaria; em sua obra *Dos delitos e das penas* (1997), publicada em 1764, busca racionalizar e humanizar as penas que em sua visão deveriam ser justas e proporcionais, dando um passo distante da morte ou do suplício como resolução para as injúrias contra a lei dos homens. Ferri (1996) no entanto trará Beccaria em seus escritos como uma inspiração limitada, visto que para o autor ele foi influenciado muito mais por sentimentos pessoais do que por precisão científica, viés que a Escola Positivista tentará “consertar”.

Ao pontuar que “os estudos fortalecem a mente” e que “os livros, na verdade, eram seu único luxo, e em Paris é muito fácil consegui-los” (POE, 2018, p.70), o narrador expressa em Dupin o conhecimento das palpitações científicas do período, resultando inclusive na grande resolução do mistério que envolve a brutal morte das duas mulheres. Os policiais do conto, fechados em suas limitações, buscavam no estrangeiro descrito pelas testemunhas o perpetuador do delito, enquanto Dupin, ao perceber as marcas de extrema violência, a dimensão das injúrias nos corpos e a total incapacidade dos presentes no local e período do acontecido em discernir qualquer palavra inteligível, retoma uma descrição apresentada por Cuvier<sup>37</sup> para chegar à conclusão de que se trata de um orangotango foragido.

---

<sup>36</sup> Tradução própria do original *Criminal Sociology*

<sup>37</sup> Naturalista e zoologista francês (1769 – 1832)

Outro indício de que Poe aventurava-se pelas veredas da ciência e a manifestava através de Dupin é a relação do detetive ficcional com a frenologia. Para entender o peso desse ramo científico tão popular na Europa que influenciou diversas teorias raciais e criminais, recorramos às palavras de Cristian Cláudio Quinteiro Macedo em seu artigo *A influência da frenologia no Instituto Histórico de Paris* (2016), onde pontua que o Instituto Histórico da capital francesa tornara-se uma das grandes sociedades voltadas para a ciência, utilizando-se do conceito de frenologia, criado por Franz Joseph Gall (1758-1828), na elaboração de uma história marcada pela utilidade social, debatendo-se constantemente as características físicas em detrimento dos comportamentos observados em indivíduos.

Nesse contexto, Cesare Lombroso, citado por Ferri (1996) como o grande precursor da Escola Positivista, também foi um grande entusiasta da frenologia ao estudar as mentes criminosas do século XIX observando características e medições de crânio para determinar comportamentos e padrões de delinquência. No caso de Dupin, no entanto, prezado leitor, provamos o amargor que o narrador nutria por esses conceitos que buscam fundamentar comportamentos criminais na fisiologia quando ele afirma que

a faculdade construtiva ou combinatória, através da qual a engenhosidade normalmente se manifesta, e a qual os frenologistas (de maneira equivocada, a meu ver) atribuíram um órgão à parte, supondo-a uma faculdade primitiva, tem sido observada com muita frequência naqueles cuja inteligência beira, ao contrário, à idiotice (POE, 2018, p. 69).

Reservando Lombroso para deixar seus pitacos no caso de Mary Rogers a ser explorado no tópico a seguir, permitamos agora que Ferri (1996) apresente suas ressalvas nos métodos defendidos pela Escola Positivista, pois não apenas de conceitos frágeis questionados por escritores como Poe se faz a teoria da Escola. Para o autor, a psicologia criminal, a partir de observações e longos estudos na área, não pode ser aplicada para todas as pessoas que cometem crime, sendo reservada à um grupo dado como congênito, incorrigível ou criminosos habituais.

Para além, por mais que se discuta amplamente experimentos com tamanhos de crânios<sup>38</sup> e corrobore a teoria do criminoso nato, apresenta-se ainda a tese do ambiente como grande influência. Em outros termos, os estudos conduzidos por Ferri (1996) lhe levaram a concluir que sob qualquer sistema de punição, com os métodos mais severos ou mais indulgentes, existem sempre certos tipos de criminosos com variados níveis de desvio moral e

---

<sup>38</sup>De acordo com Maurício (2015), Lombroso exercia a profissão de médico nas penitenciárias italianas e autopsiava cadáveres de presos, chegando a um total de 383. O caso mais famoso, que inspirou a tese de seu livro *O homem delinquente*, foi o de Milanês Vilela, que ao ser dissecado apresentou em seu crânio a fosseta occipital média, característica observada no homem primitivo. Lombroso conclui que havia relação entre a delinquência e o conceito de regressão na escala evolutiva.

de inteligência. Dessa forma, as raízes naturais do crime estão presentes no organismo do indivíduo, mas também sofrem influência do ambiente social em que está presente, sendo a conjuntura social um fator imprescindível na criminologia. Paris é culpada. Mas os fatores psicológicos que desvirtuam os homens também, pois em “Os assassinatos na Rua Morgue” lemos que

assassinos comuns jamais empregam métodos como esse. Muito menos fazem tal coisa com o corpo da vítima. Pela forma como o cadáver foi empurrado chaminé acima, você tem que admitir que há algo de excessivamente *outré* – algo totalmente incompatível com nossas noções comuns de conduta humana, mesmo supondo que seus autores sejam os mais degenerados dos seres humanos (POE, 2018, p.105).

Assim, pode ser encontrada nos experimentos policiais de Poe uma certa aproximação com as ciências que mais tarde seriam empregadas na Escola Positivista como alicerces de justificativas para o comportamento delinquente. Chamo a atenção no entanto, prezado leitor, para o fato de que é preciso ter em mente que no caso da Rua Morgue percebemos nas primeiras páginas uma detalhada descrição da razão e das faculdades mentais do homem para que nos desvencilhemos de qualquer crença no sobrenatural ao adentrarmos no conto apenas para sermos confundidos pelos métodos de Dupin, visto que a força física empregada no crime, a disposição dos corpos e a fuga que aparentemente não oferece solução em um quarto fechado, nos tenta para recorrermos aos confins do imaginário livre de leis naturais ou científicas.

Ao solucionar o caso com o relato de Cuvier sobre a criatura, todas as peças do enigma se encaixam e nos percebemos enquanto ingênuos perante a destreza e a habilidade de Dupin, que propositalmente, como estudou-se no capítulo anterior, nos deixou um passo atrás da investigação, justamente para que pudéssemos ser feitos vítimas do elemento surpresa. Ao reler a obra, facilmente reorganizamos as pistas, desde as vozes estrangeiras indistintas e os gritos sem discernimento até a engenhoca na janela em que o pino defeituoso se fechava por si só para explicar a fuga.

Poe parece, dessa maneira, ter criado o item crucial na receita de um bom romance policial: ser feito de tolo pelo detetive. E o pior: o admiramos por isso.

### 3.2 A BRUTALIDADE SUSSURRADA PELAS PÁGINAS DOS JORNAIS

Quando na introdução deste trabalho o criador de Sherlock Holmes emprestou suas palavras ao dizer que “se quisermos encontrar efeitos estranhos e combinações extraordinárias, devemos procurar na própria vida, que vai sempre muito mais longe do que qualquer esforço da imaginação” (DOYLE, 2011, p. 42), a ação não foi em vão ou um simples capricho por incluir no parágrafo uma bela frase de efeito – embora seja de fato marcante. “O mistério de

Marie Rogêt” se caracteriza basicamente por ser uma investigação real de um crime que aconteceu em Nova York, onde Poe, através dos jornais da época, analisou as informações que chegaram até ele, tentando decifrar o enigma por trás da morte de uma jovem.

O caso de Mary Rogers, em Nova York, no entanto, se oculta por trás de alguns parágrafos explicativos, no início do conto, que versam sobre as artimanhas da coincidência, que chegam a ser espantosas, ou ainda o cálculo das probabilidades, chegando a nos lembrar que o sobrenatural não pode ser descartado como algo que ronda nossa existência. Em síntese, tal construção de enredo nos leva à investigar a morte de Marie Rogêt, uma jovem bela e adorada por todos que trabalhava em uma perfumaria em Paris mas é encontrada sem vida no leito de um rio.

Iniciemos nosso percurso pelo macabro fim de uma doce menina francesa ao analisar a conjuntura do crime. Neste conto, e apenas nele, Dupin não se faz presente na cena do crime e não pode deduzir com propriedade as causas e motivos a partir da observação apurada do detetive comprovadamente eficiente, como conhecemos na Rua Morgue, também em Paris. Poe utiliza-se do conto como uma estratégia para pensar a resolução de um crime real no qual só tinha acesso através de jornais, ou seja, colocar Dupin em contato com o local tiraria uma espécie de veracidade, ou a aproximação dela, que Poe claramente pretendia com o caso de Mary, ou Marie. Para justificar essa ausência, explica-se que Dupin atrasara-se em adquirir conhecimento do caso por estar trancado em sua casa na eterna noite produzida que embala seus estudos.

Em *A morte misteriosa de Mary Rogers*<sup>39</sup> (1995), Amy Gilman Srebnick explora o caso real de Mary Rogers e dedica algumas páginas ao trabalho de Poe, destacando a fascinação do autor por mulheres mortas, pois inegavelmente configuram assuntos recorrentes em suas publicações ao longo da carreira literária que traçou no século XIX. Cometendo certos excessos e exageros, afinal em nenhum momento Poe declarou seu compromisso com a verdade, o conto acabou resultando em um caminho investigativo que mais tarde provou-se correto, chegando-se à solução do crime e captura do suspeito.

Ainda para Srebnick (1995), a assertividade de Poe deu-se em decorrência de seu conhecimento sobre a configuração urbana e a sua experiência enquanto atuante na carreira jornalística, principalmente no que se refere à associação de mortes violentas com a vida nas grandes cidades. Ainda para a autora, Poe desafia a literatura do século XIX ao trazer em suas

---

<sup>39</sup> Tradução própria de *The mysterious death of Mary Rogers: Sex and Culture in Nineteenth-Century New York*.

narrativas criminais a disputa entre a emoção irracional e a lógica intelectual enquanto o mundo literário tinha os conflitos entre amor e morte como a menina de seus olhos.

Dessa maneira, por mais que tenha sido renegado inicialmente como literatura por seu pouco valor literário, ou desprezado como a realidade por ser uma releitura recheada com elementos extras do caso de Nova York, Srebnick (1995) encerra destacando a significância dos trabalhos de Poe para a compreensão do crime como o principal evento da cultura urbana moderna. Assim, extrapola o conceito de ser apenas uma tentativa de solucionar um crime real para tornar-se um texto complementar sobre a modernidade e o estilo de vida urbana que se configura a partir do século XIX.

Em síntese, o crime do século XIX, e seu estudo, tornou-se uma ciência própria, que utilizando-se de conhecimentos acumulados neste período tão caro para os avanços científicos, o tratou com olhos verdadeiramente curiosos e seguros de si em suas constatações. Dito isso, nos dediquemos agora à um vislumbre pelos conceitos de Cesare Lombroso sobre a identificação infalível de contraventores das determinações legais. Seriam elas condizentes com a configuração de Paris?

De acordo com Jose Sebastião Roque, na sessão *Vida e Obra de Cesare Lombroso* (2007), Lombroso estudou medicina na Universidade de Pavia, especializando-se em psiquiatria e posteriormente foi nomeado diretor do manicômio na cidade de Pesaro, iniciando seus estudos sobre a relação entre demência e delinquência que caracterizariam sua carreira. Sua jornada como médico militar em Turim lhe rendeu ainda as ponderações sobre militares e delinquentes, amplamente presentes em seus estudos ao comparar as desvirtuações em contraponto à normalidade.

Essa trajetória intelectual culmina na tese principal de Lombroso desenvolvida em sua obra *O homem delinquente* (2013), a do criminoso nato, ou seja, indivíduos perigosos marcados por anomalias físicas e psicológicas resultantes de defeitos na escala evolutiva passíveis de serem examinados, analisados e classificados, fazendo da criminologia uma ciência verdadeiramente empírica. Lombroso via, basicamente, o crime no modelo médico, como uma doença a ser tratada e mesmo que não tenha abertamente declarado ser favorável à punições severas, como a pena de morte, dizia que o criminoso deveria ser afastado do convívio social por sua periculosidade irreversível.

Tal abordagem aparece no século XIX como relacionada amplamente ao criminoso e suas configurações biológicas e psicológicas. Por mais que Lombroso (2013) tenha versado sobre o crime de ocasião, ou seja, aquele cometido por alguém devido à condições momentâneas e que seria passível de ser curado, seus estudos pautados na tendência nata à



contravenção social são os grandes protagonistas dessa parcela da Escola Positivista. Nos contos de Poe, principalmente no caso de Marie Rogêt, por mais que o criminoso tenha um certo destaque em determinadas passagens que buscam identificá-lo, como o trecho “por volta das três horas, na tarde de domingo em questão, uma moça chegou na pousada, acompanhada por um jovem de pele escura” (POE, 2017, p.170) o crime e as condições que levaram até ele são as razões explícitas, como enlaces românticos e ciúmes, e não uma figura que obedecendo ao seu código genético assassinou à sangue frio.

Omitir Lombroso desse estudo, no entanto, seria negligenciar a trajetória criminal do século XIX que constrói-se a partir dos contos de Poe, uma vez que suas contribuições são pertinentes para o desenvolvimento dessa ciência, mesmo que sirva para aprendermos com as falhas dela. Roque (2007) pontua ainda que nos *Arquivos de Antropologia Criminal*<sup>40</sup>, publicado por Lombroso em 1880, estão listados 68 colaboradores e estudiosos da área criminal, crescendo para 106 nos registros de uma década depois. Se faz interessante pontuar também que não só apenas colegas especificamente italianos ou europeus compõem tal documento, mas também americanos. O interesse de Poe pelo crime parece, assim, justificado em trocas de informações que Lombroso nos mostra que ocorriam, não tendo o Oceano como um empecilho intransponível.

A terceira parcela da trindade italiana dos estudos criminais do século XIX está representada pela figura de Raffaele Garofalo, que em sua obra *Criminologia: estudo sobre o direito e a repressão penal seguido de apêndice sobre os termos do problema penal* (1997) publicada originalmente em 1885, preocupa-se com o que chama de delito natural. Segundo esse autor, a defesa social se caracterizaria por uma luta contra inimigos naturais, ou melhor, os delinquentes naturais, que em sua concepção seriam indivíduos desprovidos de piedade e probidade, algo básico e natural que não seria passível de ser ensinado.

Em oposição a Ferri e Lombroso, suas ideias eram extremamente radicais. Garofalo (1997) trabalhará ainda o conceito de que os valores sociais e morais empregados na Europa seriam os modelos exemplares, fazendo de sociedades que não condizem com essas ideias, degeneradas. Defendia ainda a pena de morte para os sem piedade, ou ainda a expulsão e deportação da comunidade, permitindo que a lei da seleção natural atuasse no impedimento de que a sociedade, em seu conjunto, se corrompesse com traços hereditários de delinquência. Conclui-se, assim, que Ferri, Lombroso e Garofalo são essenciais para se entender que tipo de ciência circulava no século XIX e como ela era usada.

---

<sup>40</sup> Tradução própria do original *Archives of Criminal Anthropology*

Porém, ao direcionarmos os olhos para a França, encontraremos outras abordagens para o assunto da criminalidade. Por serem posteriores aos contos de Poe, não se poderia afirmar que o norte-americano tenha tomado conhecimento dos pensadores europeus e baseado a classe de criminosos que aparecem na história de Marie Rogêt nos conceitos vigentes em território francês, mas coincidentemente é exatamente isso que acontece. Contrapondo os pensadores italianos que pareciam dar extrema importância para a herança genética como causa da criminalidade, os criminologistas franceses responsabilizarão o meio em que se está inserido, como nos dirá Alexandre Lacassagne.

De acordo com Gabriel Anitua, em sua obra *Histórias dos pensamentos criminológicos* (2008), Lacassagne considerava a delinquência como uma degeneração patológica que precisaria de um ambiente propício para se desenvolver, assim como os germes atuam em determinadas doenças. Em outras palavras, sua teoria seria a chamada *microbiologia do delito*, visto que compara os delinquentes com micróbios que se proliferam, reproduzem-se e atuam em cultivos favoráveis à isso, considerando-se ainda os fatores endógenos (debilidade mental, doenças nervosas e falta de freios inibitórios) e exógenos (meio ambiente, família, escola e amigos).

Tal abordagem é interessante para o conto sobre o assassinato de Marie Rogêt, uma vez que as teorias criadas pelos populares e amplamente divulgadas nos jornais perpassam a atuação de gangues, como pode-se ler no trecho a seguir:

Logo após a partida do casal, uma gangue de meliantes apareceu, fazendo ruidosa algazarra; comeram e beberam sem pagar e depois seguiram o mesmo caminho do jovem casal, regressando para a pousada ao anoitecer e tornando a atravessar o rio com muita pressa. Foi logo após escurecer, naquela mesma tarde, que Madame Deluc e o filho mais velho ouviram os gritos de uma mulher nas vizinhanças da pousada (POE, 2017, p.171).

Ao longo do conto, tal menção a esse tipo particular de criminoso, que atua em bandos e caça das leis vigentes, é constante. Paris, com sua agitação de meio urbano marcada pelos trabalhadores que preenchem as ruas em horários de pico mas se recolhem em seus aposentos ao final do dia, propicia a atuação como descrita acima, em grupos que aproveitam as oportunidades que o ambiente oferece e fazem do estilo de vida urbano um prato cheio para suas atrocidades. E é justamente pelo histórico de ocorrências que os jornais decretarão em primeiro momento uma gangue como a perpetuadora do crime contra Marie Rogêt, uma jovem indefesa que por motivos obscuros – muito provavelmente uma escapada romântica com seu amado – esbarra com essa escória social.

No entanto, Dupin personifica justamente o oposto do senso comum, e como defende o narrador ao longo de seu relato, nem coincidências nem eventos passados devem influenciar a

tomada de partido sobre as causas de um novo evento. Utilizando-se da tão famigerada ciência e empirismo, utiliza-se de argumentos provindos de anatomistas de Paris para refutar a teoria de que a moça teria sido vítima de um ataque de gangue, como se lê no trecho:

Reflitamos agora sobre os “indícios de confronto”; deixe-me perguntar o que esses indícios supostamente apontam: uma quadrilha. Mas não demonstram, ao contrário, a ausência de uma gangue? Que tipo de confronto pode ter ocorrido? Que confronto seria esse, tão violento e demorado a ponto de deixar “indícios” em todas as direções entre uma moça fraca e indefesa e uma gangue de bandidos? Bastaria que alguns pares de braços robustos a imobilizassem em silêncio e pronto. A vítima ficaria absolutamente submissa, entregue aos agressores (POE, 2017, p. 198).

Ainda sobre a influência do meio, o narrador diferencia a criminalidade urbana da rural. Enquanto a primeira ocorre em ritmo frenético, oferecida pela agitação do deslocamento nos grandes aglomerados de residências e estações de trabalho, a outra se dá pela calma oferecida no dia da semana oferecido ao ócio, pois

se a vizinhança da cidade é tão movimentada durante a semana, quem dirá no domingo! É exatamente nesse dia em que, livres das demandas laborais ou privados de suas oportunidades costumeiras de crimes, os malfeitores da cidade buscam áreas mais remotas, não por apreço ao campo (que no fundo desprezam), mas sim como via de evasão das limitações e das convenções da sociedade. Desejam menos o ar fresco e as árvores verdejantes do que a permissividade absoluta do campo (POE, 2017, p.194).

Assim, nas palavras de Anitua (2008), seria seguro concluir que as sociedades tem os criminosos que merecem, e Poe em seu tempo, através de Dupin, tratou-lhes como protagonistas de seus esforços em desvendar os mistérios que manifestavam-se em Paris. A Paris de seu imaginário.

### 3.3 O CRIME TEM NOME, SOBRENOME E CARGO POLÍTICO

No terceiro e último conto publicado por Poe sobre as peripécias de Dupin nos deparamos com um cenário diferente. Por mais que continue se passando em Paris, não temos as inúmeras testemunhas que auxiliaram na solução dos assassinatos na Rua Morgue, nem a opinião pública divulgada nos jornais em emaranhadas teorias sobre o paradeiro de Marie Rogêt. Em “A carta roubada”, publicado originalmente em 1845, Dupin abandona os mistérios desafiadores e as cenas de violência indizíveis para dedicar-se aos burocráticos acontecimentos políticos.

Em breve apresentação, o conto versa sobre o roubo de uma carta dos aposentos reais pelo ministro D., que o fez à plenos olhares da vítima, se retirando do local com o objeto que lhe garantiria por meses o poder da chantagem em prol de ações políticas que lhe seriam favoráveis. Após minuciosas revistas aos aposentos do ministro, o chefe de polícia recorre ao

único que seria capaz de desvelar as artimanhas de tal antagonista: o extraordinário detetive Auguste Dupin.

Utilizando-se do olhar analítico que Dupin, a esta altura do trabalho, já nos ensinou a evocar, observemos a seguir o cenário criminal parisiense do século XIX através dos dados coletados por Ferri (1996). Entre os anos de 1877 e 1881, o autor buscou estabelecer proporções de recaídas no que diz respeito aos crimes de diferentes natureza, a fim de estabelecer quais seriam próprios dos indivíduos com propensões naturalmente criminosas, pois estes extrapolam a eventualidade ou determinadas situações para cometer os delitos, sendo algo recorrente.

Na lista de delitos contra a pessoa, por ordem de número de ocorrência, Ferri (1996) posiciona os assassinatos premeditados ou intencionais apenas em sétimo lugar, atrás de delitos como agressões contra pais ou avós, bigamia e assédio sexual. Para roubos, os delitos em igreja encabeçam a lista, enquanto os atos simples, classificados como aqueles sem violência ou vítimas físicas, aparecem em segundo. Para essas práticas, no entanto, ao contrário de crimes violentos como o assassinato, Ferri (1996) dá uma justificativa branda, afirmando que as situações de estresse os desencadeiam muito mais do que premeditações físicas ou psíquicas.

Lembrando dos ensinamentos do narrador sobre a inexistência de coincidências sobrenaturais ou absolutas, devo confessar que uma breve fagulha de sorriso se fez presente no canto direito de meu rosto ao observar o que lidera a lista de delitos contra a pessoa, visto que os crimes citados no parágrafo anterior são expressivamente de menor ocorrência. Relembrando do trecho em “O mistério de Marie Rogêt” no qual se pontua que “o tradicional preconceito dos parisienses contra a polícia começou a gerar diversas manifestações preocupantes” (POE, 2017 p. 161) entende-se porque a violência contra oficiais reina absoluta na liderança.

Se faz interessante notar ainda, caro leitor, que Poe ambienta essa terceira história nas redondezas de um delito de natureza diferente, com punição e comoção certamente distintas das atrocidades perpetradas na Rua Morgue ou contra a jovem Marie Rogêt, classificadas como hediondas e extremamente apelativas para a imprensa, como pudemos notar previamente. Haveria, no entanto, uma espécie de convenção formal para tal classificação? Como a sociedade francesa lidava com ela? Pois a resposta está em três termos de expressivo peso histórico: Código Civil Napoleônico. Antes de adentrarmos na importância deste documento para o crime

do século XIX, tema da presente pesquisa, gostaria de oferecer um pequeno *spoiler*<sup>41</sup> do enredo. Tal documento, de 1810, vigorou até 1994<sup>42</sup> na França.

Nas palavras de Christian Chêne, em sua publicação intitulada *História da codificação do direito francês* (1999) o hábito de codificar costumes e tradições não é de exclusividade da era das ciências, estando presente nas sociedades gregas e romanas, por exemplo, perpassando ainda a Idade Média na vontade de reduzir todo o reino à uma mesma lei. O que se inaugura no século XIX, no entanto, são as grandes críticas ao funcionamento da justiça, limitando-se a ação dos juizes, inclusive consideravelmente impopulares na época juntamente com os policiais, através de regras escritas preestabelecidas, deixando-lhes apenas certa margem de avaliação.

Assim, o Código Penal Francês de 1810, inserido no Código Civil Napoleônico de 1804, desdobra-se em quatro livros. No primeiro, dedica-se à penalidades correcionais e seus efeitos, seguido pela seção sobre os indivíduos passíveis de punição por seus delitos e crimes. No terceiro tópico aparecem os crimes e delitos contra o bem comum e contra indivíduos que culminam na quarta parte, ofensas da polícia e penalidades<sup>43</sup>. Neste documento os crimes contra a pessoa são definidos principalmente como homicídios, emboscadas e envenenamento, e nos delitos contra a propriedade se enquadram ações como desvios de algo que não lhe pertença e falsificação de documentos.

Cruzando os dados obtidos na investigação empreendida nos parágrafos anteriores nos deparamos com algo deveras interessante. No discurso de Ferri (1996), os criminosos recorrentes, ou vítimas da recaída dado seu ímpeto delinquente, são dignos de atenção. O Código Penal de 1810 os trata da mesma forma, visto que punições amplamente ferrenhas, como a pena de morte, são aplicadas em caso de precedência em outros delitos ou ainda no uso de falsa autoridade - como por exemplo munido de traje oficial sem exercer o cargo - para a invasão de espaços privados. Para os demais delitos, aparecem penas como o trabalho forçado, importante em uma sociedade na conjuntura apresentada anteriormente, multas e claro... a prisão.

Sobre o desfecho de tais normativas, pode-se afirmar que datam de

---

<sup>41</sup> Antecipação do enredo em uma narrativa que costuma arruinar a surpresa. Proveniente do verbo *spoil*, em inglês, que em tradução literal significa *estragar*.

<sup>42</sup> De acordo com Glendon et. al (2007), em 1955 foi criada uma comissão encarregada de rever o velho Código, com a finalidade de adaptá-lo aos princípios e valores contemporâneos. Em 1980 entrou em vigor uma parte do novo Código, disciplinando o direito de família. De 1983 a 1991 outras oito partes foram entrando sucessivamente em vigor. Finalmente, em dezembro de 1991 foi promulgado um novo Código Civil, que entrou em vigor em 1º de janeiro de 1994.

<sup>43</sup> Disponível na íntegra em: [http://www.napoleon-series.org/research/government/france/penalcode/c\\_penalcode.html](http://www.napoleon-series.org/research/government/france/penalcode/c_penalcode.html)

1808 e 1810 o Código de Instrução Criminal e Código penal, em vigor todos os dois em 1811. O primeiro é substituído pelo Código de processo penal em 1958 e substancialmente modificado em 1993 (leis de 4 de janeiro e de 24 de agosto). O segundo deu lugar ao Código penal que entrou em vigor em 10 de março de 1994 (CHÊNE, 1999, p. 146).

Ainda sobre a natureza do criminoso expressa na figura de um ministro, lemos que “era membro da corte e adepto à audaciosas intrigas. É impossível que um homem como ele, ponderei, não tenha ciência das ações habituais da polícia” (POE, 2017, p. 224). Assim, acusá-lo da culpa, e o julgar perante a lei por seu delito, seria não apenas dificultado por seus privilégios políticos como pela chantagem que oferecia à vítima da qual roubou a carta. Encontrar este objeto, em um século em que não se poderia enviar cópias pela rede mundial de computadores, seria o único caminho para destitui-lo de suas artimanhas. Por isso “ele foi revistado de forma rigorosa por batedores de carteira e sob minha inspeção” (POE, 2017, p.214) como afirma o chefe de polícia, o que nos remete à Vidocq, apresentado nas páginas anteriores, reforçando a ideia de que essa prática, de associar-se com delinquentes ou infiltra-los em missões que auxiliam o trabalho da polícia, era comum.

Pois dediquemos as próximas linhas para um balanço do que desvendamos juntos até aqui, companheiro leitor. A ciência, expressa no estudo de novas espécies, experimentos antropológicos, análises das mais diversas características do homem e publicações de diferentes áreas que palpitam nos diversos cantos do mundo revigorado pelo conhecimento do século XIX, revoluciona o mundo do crime e de como lidamos com a delinquência e seus perpetuadores. Como nos provou Dupin, facilita a resolução de mistérios e coloca delinquentes na mira da justiça terrena. Em “A carta roubada”, no entanto, algo peculiar acontece.

Com a finalidade de encontrar a carta em questão, a polícia francesa gaba-se ao utilizar-se de técnicas dignas do mais alto desempenho dos oficiais da lei. Vasculham em minúcias os aposentos com o auxílio de um poderoso microscópio capaz de detectar a menor das alterações em juntas e afastamentos de mobílias e paredes. Dupin, no entanto, utiliza-se do fracasso dessa empreitada para reforçar sua crítica à generalização. Assim como os juízes seguiam cegamente seus livros e exemplos, os policiais, em um apego cego ao protocolo de investigação formal que lhes forçava às minúcias, fracassaram e precisaram recorrer ao grande solucionador de casos aparentemente impossíveis de Paris.

Ao procurarem pela carta em sua aparência original, cegos pelo dever e pela ciência que lhes estava disponível, os policiais não previram uma ação simples: a alteração do aspecto físico da carta, seguida pela exposição da mesma em um lugar extremamente visível, sem nenhum esforço em escondê-la. Ora... quem nunca procurou incessantemente por um objeto apenas para

encontra-lo no mais desassistido dos cantos óbvios? A exatidão cega da matemática sofre ainda duras contraposições no trecho “não é um completo idiota – disse G. – mas é um poeta, o que é quase a mesma coisa” (POE, 2017, p.214) seguido por “a causa basilar de seu fracasso está em sua suposição de que o ministro é um tolo por ser um poeta renomado. Todos os tolos são poetas, pensa o comissário” (POE, 2017, p.221) culminando em “contesto, em particular, o raciocínio doutrinado pelo estudo matemático [...] esse equívoco é tão flagrante que fico abismado com a universalidade com a qual tem sido recebido” (POE, 2017, p.222 – 223).

Por ter tratado dos diferentes traços da personalidade humana, muitos psicanalistas revisitaram a obra de Poe, principalmente “A carta roubada”, pois nela, segundo Prado de Oliveira no artigo *O conto policial e as origens da psicanálise* (2009), a moral seria uma ciência em pé de igualdade com a matemática. Na era em que a ciência surge com a finalidade de encontrar a verdade a partir da observação empírica abstraída da imaginação e de emoções, como observa-se na produção de conhecimento do século XIX, não é complicado entender o interesse de Lacan<sup>44</sup>, para citar um exemplo, nos escritos de norte-americano atormentado.

Talvez a grande lição que tiramos dessa obra de Poe, tão diferente das demais por seu tom quase de deboche aos elementares equívocos de uma instituição policial presa à seu próprio cientificismo cego altamente prejudicial é a de que a justiça, em seu trato com o crime, deitou-se na *cama de Procusto*<sup>45</sup>; e essa, fiel leitor, é uma nota de rodapé que não o aconselharia a desmerecer.

---

<sup>44</sup> Jacques Lacan (1901 – 1981). Psicanalista francês. De acordo com Oliveira (2009), entra em contato com a obra de Poe a partir da popularização desta oferecida na Europa pelas traduções de Charles Baudelaire.

<sup>45</sup> Em uma nota de rodapé explica-se que na mitologia grega, Procusto (o “esticador”) era um bandido que oferecia hospitalidade aos viajantes na serra de Elêusis. Em sua casa, tinha uma cama de ferro do seu tamanho para receber as visitas. Quando o hóspede se mostrava pequeno pra o leito, ele o esticava; quando era grande demais, amputava seus membros. O mito de Procusto ilustra a intolerância e a arrogância do homem quando deseja que todos se adequem aos seus padrões (POE, 2017, p.219).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto cursava a disciplina em que desenvolvi o projeto que no futuro transmutaria-se neste trabalho, ouvi a docente dizer, parafraseando seu devaneio, que por vezes nossos problemas de pesquisa esmurram ocasionalmente nossa porta sem pedir licença. Dupin apresentou-se assim. Infiltrado nas entranhas do fascínio por Sherlock Holmes que me guiou a investigar, ironicamente, o advento do detetive mais lembrado das histórias ficcionais, clamou por seu posto de primogênito e não me deixou sossegar enquanto me chamava a embarcar nessa jornada com ele.

Por trás dos contos, e a partir de suas pistas, pode-se afirmar que a ciência, em termos gerais, principalmente no advento de métodos empíricos e positivistas em detrimento de aspirações guiadas por emoções ou crenças individuais, tem seu grande momento no século XIX. Edgar Allan Poe personifica tais pretensões em um curioso parisiense, mesmo sendo ele norte-americano, e versa sobre diferentes aspectos desse mesmo período. Não poderia, enquanto coincidentemente apresentada à Dupin na necessidade de um objeto de pesquisa, relegar tal aspecto à mera casualidade.

Assim, tal trabalho pretendeu trazer à luz da História o cenário que inspirou um poeta famoso por seus contos sombrios a embarcar em uma jornada distinta. Apresentaram-se os conceitos de crime e criminoso vigentes no século XIX e a influência dos estudos e manuais científicos no trato com essa parcela social. Desvendaram-se interessantes descobertas sobre a formação das instituições de vigilância e controle em uma nova conjuntura urbana, instituída pelo sistema econômico, e como o direito e as penas se ajustaram às necessidades advindas desse modelo.

Para além, entendeu-se o surgimento de uma nova modalidade de escrita, o romance policial que apropriou-se dos delitos cometidos na calmaria de vielas escuras ou a plenos raios solares, encantando o gosto pelo macabro intrínseco em algum labirinto oculto mesmo nas entranhas dos cidadãos mais conservadores e de respeitosos valores morais. Poe nos deixou pistas que puderam ser seguidas com a possibilidade de se utilizar a literatura no debate histórico pretendido para o século XIX, e concluo dizendo que o fez muito bem. Pudemos nos aventurar pelas peripécias de Vidocq, o primeiro detetive particular da França, além de entender a trajetória da Escola Positivista que buscou culpabilizar a biologia pelas falhas morais presentes em seus portadores. Por mais que sejam posteriores à Poe, tais autores aqui anunciados ilustram a sapiência que circula no período, e um pomposo vislumbre pode ser extraído disso.



Assim, tal trabalho insere Edgar Allan Poe em um viés distinto, permitindo que a História, e os historiadores, considerem as possibilidades de crime e ciência no século XIX através das lentes de seus escritos policiais, instigando a pensar ainda sobre a circulação de Poe no meio europeu e suas influências diretas em autores do período, dada sua notória popularidade e a era que inaugura em estabelecer seu estilo de escrita. Tal caminho, no entanto, é para ser trilhado em outra ocasião. Despeço-me no momento.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Paulo de Medeiros. **O mundo emocionante do romance policial**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- ALLEN, Hervey. VIDA E OBRA DE EDGAR ALLAN POE. In: POE, Edgar Allan. **Edgar Allan Poe: Ficção Completa, Poesia & Ensaio**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2007. p. 6-20.
- ANITUA, Gabriel Ignacio. **Histórias dos pensamentos criminológicos**. Rio de Janeiro: Revan, 2008.
- BAKER, John. **An Introduction to English Legal History**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BECCARIA, Cesare. **Dos delitos e das penas**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1997.
- BURKE, Peter. (org.) **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- CHÊNE, Christian. **História da codificação no Direito francês**. Revista Trimestral de Direito Civil, v.7, p. 139 – 152, 1999.
- DEWULF, Jeroen. **E se toda a história fosse ficção: reflexões sobre a utilização da ficção como critério para distinguir literatura e história**. Anais do Colóquio Internacional: literatura e história, Porto, v. 1, p.207-212, 2004.
- DION, Sylvie. **O “fait divers” como gênero narrativo**. Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, p.123-131, out. 2007.
- DOYLE, Arthur Conan. **As aventuras de Sherlock Holmes**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- DOYLE, Arthur Conan. **Um estudo em vermelho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- EMSLEY, Clive; SHPAYER-MAKOV, Haia. **Police detectives in History**. Burlington: Ashgate, 2006.
- FERREIRA, Antônio Celso. **A fonte fecunda**. In: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. de (orgs). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2015, p. 9-28
- FERRI, Enrico. **Criminal Sociology**. Gutenberg Project: Champaign, 1996. Disponível em: <<http://www.gutenberg.org/ebooks/477>> Acesso em 02 ago 2018.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRANK, Frederick S.; MAGISTRALE, Anthony. **The Poe encyclopedia**. Westport: Greenwood Press, 1997.

GAROFALO, Raffaele. **Criminologia**: estudo sobre o direito e a repressão penal seguido de apêndice sobre os termos do problema penal. Campinas: Péttria, 1997.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GLENDON, Mary Ann; CAROZZA, Paolo G.; PICKER, Colin B. **Comparative legal traditions**: texts, materials and cases on western law. St. Paul: Thomson/West, 2007.

HAYES, Kevin J. **Edgar Allan Poe**. London: Reaktion Books, 2009.

HEINECK, Marjani Ziani. **“Você vê, mas não observa”**: Como a criminologia do século XIX inspirou as histórias de Sherlock Holmes, de Sir Arthur Conan Doyle. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de História, UFRGS, Porto Alegre, 2016.

HUNT, Lynn. (org.) **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

KENNEDY, Gerald J. **A historical guide to Edgar Allan Poe**. New York: Oxford University Press, 2001.

LINS, Álvaro. **No mundo do romance policial**. São Paulo: Ministério da Educação e Saúde: Serviço de documentação, 1953.

LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. São Paulo: Ícone, 2007.

MACEDO, Cristian Cláudio Quinteiro. **A influência da frenologia no Instituto Histórico de Paris**: raça e história durante a Monarquia de Julho (1830-1848). Humanidades em diálogo, v. 7, p. 127-145, 2016.

MANDEL, Ernest. **Delícias do crime**: história social do romance policial. São Paulo: Busca Vida, 1988.

MAURÍCIO, Juliete Laura Rocha. **Positivismo criminológico**: as ideias de Lombroso, Ferri e Garofalo. Olhares Plurais, v.1, n.12, p. 59 – 69, 2015.

MENEGHETI, Pollyanna Souza. **De Holmes a Poirot**: relações entre literatura e história na narrativa policial britânica. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Literários, Unesp, Araraquara, 2014.

MIKABERIDZE, Alexander. **The Sherlock Holmes of Paris**. Napoleonic Scholarship, v.3, mai, 2010. p 73-74.

MONET, Jean-Claude. **Polícias e Sociedades na Europa**. Vol. III. São Paulo: EdUSP, 2001.

OLIVEIRA, Prado de. **O conto policial e as origens da psicanálise**. Psic Clin, v.21, n.1, p.119 – 136, 2009.

PERROT, Michelle. Delinquência e sistema penitenciário na França do século XIX. In: PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**: Operários, mulheres e prisioneiros. São Paulo: Paz e Terra, 2006. p. 235-273.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- POE, Edgar Allan. **Edgar Allan Poe: Medo Clássico**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2017.
- POE, Edgar Allan. **O corvo e outros contos**. São Paulo: Pandorga, 2018.
- POE, Edgar Allan. **O gato preto e outras histórias extraordinárias**. São Paulo: Pandorga, 2018.
- REIMÃO, Sandra Lúcia. **Literatura policial brasileira**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.
- REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- ROCHE, Daniel. **O povo de Paris: ensaio sobre a cultura popular no século XVIII**. São Paulo: EdUSP, 2004.
- ROQUE, Sebastião José. Vida e Obra de Cesare Lombroso. In: LOMBROSO, Cesare. **O homem delinquente**. São Paulo: Ícone, 2013. p. 5-12.
- ROSA, Carlos Augusto de Proença. **História da Ciência: O pensamento científico e a ciência no século XIX**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2012.
- ROUDINESCO, Elizabeth. **A parte obscura de nós mesmos: a história dos perversos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- SHECAIRA, Sérgio Salomão. **Criminologia**. São Paulo: RT, 2008.
- SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SILVA, Yara dos Santos Augusto. **Considerações sobre o gênero romance policial e a obra O Crime da Gávea, de Marcilio Moraes**. Revista de Estudos Literários, UFMG v. 15, p.96-106, jun 2009.
- SILVERMAN, Kenneth. **Edgar A. Poe: Mournful and Never-ending Remembrance**. New York: Harper Perennial, 1991. p. 152-3
- SREBNICK, Amy Gilman. **The mysterious death of Mary Rogers: Sex and Culture in Nineteenth-Century New York**. New York: Oxford University Press, 1995.
- TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. São Paulo: Perspectiva, 2006
- VILAÇO, Fabiana de Lacerda. **A figuração da História em um conto de Edgar Allan Poe**. 106 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, USP, São Paulo, 2012.
- VINES, Lois Davis. **Poe Abroad: Influence Reputation Affinities**. Iowa: University of Iowa Press, 1999.